

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**CORAGEM: UM VALOR CENTRAL
DA PSICOLOGIA POSITIVA**

Andreia Filipa Claro Luís

outubro, 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pelo Professor Doutor José Henrique Barros de
Oliveira (F.P.C.E.U.P.).

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor José Henrique Barros de Oliveira, por me ter acompanhado nesta caminhada tão complexa, pelas palavras de incentivo e de conforto nos momentos mais difíceis, pela disponibilidade demonstrada, pela pertinência das suas observações e pelo sorriso e boa-disposição com que sempre me recebeu.

Aos meus pais, pelo amor incondicional e pelo apoio demonstrado em todas as fases da minha vida. A vós devo tudo o que sou e tudo o que consegui.

Ao Marcelo que sempre me incentivou a ultrapassar as diversas barreiras com que me deparei. Obrigado pela tua incansável amizade a qualquer hora, a qualquer momento e pelas várias e produtivas discussões na fase da análise dos dados recolhidos.

À Tânia e ao Filipe pela disponibilidade demonstrada e pela prontidão com que sempre me ajudaram.

À minha família e aos meus amigos por todo o apoio e compreensão.

Às minhas colegas de curso com quem, durante dois longos anos, partilhei os meus receios, as minhas inseguranças e as minhas pequenas conquistas. À Diana, Dora, Joana e Mariana, obrigado pelo incentivo e pela força que sempre me transmitiram. Obrigado pela vossa amizade.

A todos os que contribuíram para a realização deste estudo.

Resumo

Em qualquer parte do mundo, a coragem é considerada uma das grandes virtudes humanas, um valor, que se evidencia em todo o percurso de vida do ser humano, ao ajudá-lo a enfrentar os desafios intra e interpessoais com que se vai deparando. Todavia, só muito recentemente, a coragem começou a ganhar relevância na comunidade científica, sendo abordada pela Psicologia Positiva que, embora reconheça a importância desta para o bem-estar do indivíduo, poucas investigações tem realizado neste âmbito.

O presente estudo tem como objetivo principal explorar quais as percepções, representações e significações que os indivíduos atribuem à coragem e verificar se existem diferenças em função da idade e do género. Esta investigação contou com a participação de 152 sujeitos divididos em três grupos: 60 jovens, dos quais 24 são rapazes e 36 são raparigas, a frequentar o 11º e o 12º anos de escolaridade; 47 adultos, em que 20 são homens e 27 são mulheres, com idades compreendidas entre os 35 e os 49 anos; e 45 idosos, dos quais 18 são do sexo masculino e 27 são do sexo feminino, entre os 65 e os 89 anos de idade. Para a recolha de dados foi utilizado um questionário construído para o efeito, cuja informação foi tratada e interpretada com recurso à análise de conteúdo.

De um modo geral, os resultados indicam que a coragem é percebida como uma qualidade/virtude presente em todos os indivíduos, o que incita a pessoa para a ação, apesar do medo, a fim de alcançar os resultados desejados. É expressa numa forma mais instrumentalizada, permitindo aos mais jovens lutar pela concretização dos seus objetivos e, aos mais velhos, resistir perante as adversidades. A coragem torna-se, por isso, fundamental para a satisfação das necessidades de crescimento dos sujeitos, potenciando um maior sentido de competência e mestria nestes. Além disso, à medida que a idade avança, a coragem é caracterizada pela tomada de riscos de natureza psicológica, sendo o *valor* a força de carácter que melhor a define.

Nas respostas sobre a existência de muitas ou poucas pessoas corajosas e de quem é o mais corajoso: o homem ou a mulher; o jovem, o adulto ou o idoso, verifica-se que, particularmente as mulheres e os idosos, tendem a identificar o seu homólogo como a pessoa mais corajosa.

Palavras-chave: coragem, psicologia positiva, jovem, adulto, idoso.

Abstract

Anywhere in the world, courage is considered one of the most important human virtues, a value that is evident throughout the human life span, since it helps humans to face intra and inter personal challenges. However, only recently, courage began to gain importance in the scientific community, especially by Positive Psychology that, although recognize the importance of courage to the well-being of individuals, has done little research in this area.

The main objective of the present study is to explore perceptions, representations and meanings that individuals assign to courage and try to understand if there are sex and gender differences. Participants in this investigation are 152 subjects divided into three groups: 60 young people, in which 24 are males and 36 girls, attending 11th and 12th years; 47 adults, in which 20 are men and 27 women, aged 35-40 years; and 45 old people, in which 18 are male and 27 female, aged 65-89 years. For data collection it was used a questionnaire constructed for this purpose. The information was assessed and interpreted using content analysis.

Generally, the results showed that courage is perceived as a quality/ virtue presented in all individuals that incite them to action, despite the fear, with the objective of achieve desired results. It is expressed in an instrumented way, allowing young people to fight for their objectives and old people to withstand adversities. For this reason, courage becomes essential to satisfy development human needs, giving them a greater sense of competence and expertise. In addition, as age advances, courage is characterized by risk-taking of psychological nature and the strength of character that defines it best is the *value*.

With respect to answers about the existence of many or little people with courage and who is the most courageous: men or women; young people, adults or old people, results showed that women and old people tend to identify their counterpart as the more courageous person.

Keywords: courage, positive psychology, young, adults and old people.

Resumé

Dans le monde entier, le courage est considéré comme une grande vertu humaine, une valeur qui devient évidente au cours de la vie humaine aidant les gens à répondre aux défis intra et interpersonnelles qui se posent sur leur chemin. Toutefois, ce n'est que récemment, le courage commence à prendre de l'importance au sein de la communauté scientifique, être abordée par la Psychologie Positive. Bien que la Psychologie Positive reconnaît l'importance du courage pour le bien-être de l'individu, peu de recherches ont été effectuées dans ce domaine.

Le but principal de cette étude était d'explorer les perceptions, les représentations et les significations que les individus attachent au courage et vérifier s'il y a des différences significatives selon l'âge et le sexe. Ont participé à l'étude 152 sujets qui formaient trois groupes : 60 jeunes (24 garçons et 27 filles), à assister aux 11^{ème} et 12^{ème} années de scolarité; 47 adultes (20 hommes et 27 femmes) âgés entre 35 et 49 ans; et 45 personnes âgées (18 mâles et 27 femelles) âgés entre 65 et 89 ans. Pour la collecte des données, nous avons utilisé un questionnaire construit à cet effet, dont l'information a été traitée et interprétée utilisant l'analyse du contenu.

En général, les résultats indiquent que le courage est considéré comme une qualité/vertu qui existe chez tous les individus, ce qui encourage les gens à l'action, malgré la peur, afin d'atteindre les résultats souhaités. Le courage est exprimé dans une forme plus instrumentalisée, permettant aux jeunes s'efforcer pour la concrétisation de ses objectifs, et aux plus âgés, résister à l'adversité. Le courage devient donc essentiel pour répondre aux nécessités d'accroissement des individus, potentialisant un plus grand sens de compétence et de savoir-faire. De plus, avec le vieillissement, le courage est caractérisé par une prise de risques d'ordre psychologique, étant la valeur la force de caractère qui le mieux le définit.

En réponse à l'existence de peu ou de beaucoup de gens courageux et aussi qui est le plus courageux: l'homme ou la femme, le jeune, l'adulte ou les personnes âgées, on a constaté que, en particulier les femmes et les personnes âgées ont une tendance à identifier leur homologue comme la personne la plus courageuse.

Mots-clés: courage, psychologie positive, jeune, adulte, personnes âgées.

Índice

Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	3
1. A Psicologia Positiva	4
2. Coragem: um construto complexo e multidimensional	7
2.1. Perspetiva histórica da coragem	8
2.2. Principais dimensões da coragem	10
2.3. Tipologias da coragem	11
2.4. Relação com outros conceitos	15
2.5. Desenvolvimento e avaliação da coragem	17
2.6. Pedagogia da coragem	20
Parte II – Estudo Empírico	24
1. Metodologia	25
1.1. Objetivos e questões de investigação	25
1.2. Participantes	26
1.3. Instrumento	27
1.4. Procedimento	28
2. Resultados	30
2.1. Definição de coragem	30
2.2. Tipologias de coragem	33
2.3. Importância da coragem	35
2.4. «Padrões» de coragem	38
2.4.1. Descrição da relação entre as dimensões e as variáveis	39
grupo etário e género	
2.4.1.1. Dimensão da coragem	40
2.4.1.2. Género-tipo da pessoa corajosa	41
2.4.1.3. Grupo etário-tipo da pessoa corajosa	42
3. Discussão	45
3.1. Que perceção têm as pessoas sobre a coragem?	45
3.2. Que tipologias de coragem são mais valorizadas pelos sujeitos?	46
3.3. Como é que a coragem é representada nas diferentes vivências?	48
Que significados os indivíduos lhe atribuem?	

3.4. Existem padrões na forma como a coragem é representada, sendo estes definidos pela idade ou género?	49
Conclusão	51
Referências Bibliográficas	53
Anexos	56

Índice de quadros

Quadro 1. Classificação das forças de carácter.	6
--	---

Índice de gráficos

Gráfico 1. Frequência das respostas para a categoria <i>dimensão da coragem</i> por grupo etário.	40
Gráfico 2. Frequência das respostas para a categoria <i>género-tipo da pessoa corajosa</i> por grupo etário.	42
Gráfico 3. Frequência das respostas para a categoria <i>grupo etário-tipo da pessoa corajosa</i> por género.	44

Índice de Anexos

Anexo 1 – Questionário sobre a coragem (versão jovens)	57
Anexo 2 – Questionário sobre a coragem (versão adultos e idosos)	60
Anexo 3 – Grelhas de codificação das respostas	64

Abreviaturas

DP – Desvio-padrão

M – Média

p – Nível de significância

Res – Resíduos

χ^2 – Qui quadrado

Introdução

Em qualquer cultura, assiste-se à valorização de ações corajosas e ao incentivo e apoio, por parte da população em geral, para com todos aqueles que reúnem os recursos disponíveis no confronto e, desejavelmente, na superação do medo, da dor, do perigo, dos obstáculos e da incerteza. A coragem manifesta-se, assim, em todas as atitudes, os comportamentos de militares, bombeiros, paramédicos mas também das pessoas que enfrentam doenças graves, que se encontram em psicoterapia, que ajudam o próximo e que persistem perante a adversidade (Pury e Woodard, 2009). Mas o que é a coragem?

Já na Antiguidade, a coragem era considerada uma virtude central na vida do Homem, sendo, por isso, objeto de interesse de diversos filósofos como Sócrates, Aristóteles e Platão. Esta atenção pela coragem persistiu no tempo mas, e embora tenha tido mais enfoque pela Psicologia Positiva, poucos estudos foram realizados neste domínio e, como tal, uma definição operacional deste construto torna-se, ainda, uma tarefa difícil.

O principal objetivo deste estudo consiste na exploração das perceções, representações e significações que jovens, adultos e idosos imputam à coragem.

A escolha do tema da coragem prende-se com o facto de, além da razão acima referida, se verificar a necessidade de uma maior educação/promoção desta virtude humana perante uma sociedade, atualmente, mergulhada numa crise económica mas, sobretudo, desprovida de valores onde cada vez mais o egoísmo e a cobardia parecem conquistar “adeptos”.

Esta dissertação encontra-se dividida em duas grandes partes. Numa primeira parte, será feito um enquadramento teórico acerca da coragem – uma das virtudes centrais da Psicologia Positiva. Como tal, começa-se por aludir a algumas considerações sobre a Psicologia Positiva, passando, de seguida, a analisar o que se entende por este construto, quais os conceitos que lhe estão intimamente relacionados e de que forma as ações consideradas corajosas podem ser classificadas. No que diz respeito à avaliação desta virtude, serão enunciadas algumas escalas já existentes bem como questões ainda pouco esclarecidas referentes à sua medição. Dada a importância da promoção de tal qualidade no ser humano, irão, ainda, ser abordadas as linhas orientadoras de uma *pedagogia de coragem*, através da descrição de um programa com essa finalidade.

Numa segunda parte, serão apresentados os objetivos e as questões de investigação que originaram o presente estudo, a caracterização dos participantes, o instrumento utilizado, os procedimentos da recolha e análise de dados, a apresentação dos resultados obtidos, terminando com a discussão dos principais resultados.

Parte I

Enquadramento Teórico

1. A Psicologia Positiva

Desde os primórdios da humanidade, denota-se a presença de um certo pessimismo, referido em textos bíblicos, por filósofos gregos e, posteriormente, por autores existencialistas como Albert Camus e Paul Sartre. Nos tempos modernos, o terrorismo, as guerras, o surgimento de novas doenças e a crise económica têm-no feito proliferar, despoletando a depressão e o desânimo nas diversas sociedades (Barros, 2010a).

Durante todo o seu percurso, a Psicologia centrou-se sobretudo no estudo da dinâmica negativa do desenvolvimento humano ou nas emoções negativas (e.g. agressividade, ira, culpa, solidão, ansiedade), adotando uma perspetiva de remediação ou de reparação de danos psíquicos sofridos pelo indivíduo. A escolha desta perspetiva é justificada pela existência de uma tendência, por parte dos teóricos, para o estudo dos fatores que afetam o ser humano, por a expressão e a vivência de emoções negativas serem responsáveis pela maioria desses conflitos e, por outro lado, as experiências que fomentam a felicidade, muitas vezes, passarem despercebidas (Paludo e Koller, 2007). Seligman (2002) acrescenta que a II Grande Guerra Mundial foi um marco importante, uma vez que, a necessidade de tratar os veteranos da Guerra e a criação do Instituto Nacional de Saúde Mental nos Estados Unidos propiciaram vantagens económicas, profissionais e sociais aos psicólogos e pesquisadores que se dedicaram às doenças mentais. Esta atenção quase exclusiva da Psicologia para com a patologia conduziu-a à negligência de duas das suas missões fundamentais, antes da II Grande Guerra Mundial: ajudar as pessoas a terem uma vida mais feliz e produtiva, e identificar e promover as suas potencialidades (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000). Por essa mesma razão, Martin Seligman, que, em 1998, assumiu a Presidência da *American Psychological Association* [APA], utilizou a 107ª Conferência Anual da APA para dar início a uma mudança no foco da Psicologia, de forma a dirigi-la para uma perspetiva mais promotora, atendendo aos aspetos positivos do comportamento humano (Linley, 2009). A este novo movimento na Psicologia, Seligman denominou de “Psicologia Positiva”.

Para Seligman e Csikszentmihalyi (2000, p.8), a Psicologia Positiva consiste numa “nova ciência da fortaleza e da resiliência” que valoriza as experiências subjetivas do passado, presente e futuro, as características individuais positivas (e.g. capacidade de amar, sentido estético, perseverança, coragem, competências interpessoais) e as virtudes cívicas (e.g. altruísmo, responsabilidade, tolerância) e as instituições que podem

potenciar mudanças nos indivíduos, tornando-os melhores cidadãos. Neste sentido, o seu objetivo fundamental é direcionar o foco da Psicologia não só para a observação do patológico e respetiva remediação mas também para o desenvolvimento das potencialidades humanas. Mais tarde, Seligman (2002) realça ainda que o estudo das forças e virtudes humanas poderá dar contribuições importantes para o tratamento e prevenção da doença mental.

Efetivamente, nas últimas décadas, os psicólogos começaram a preocupar-se com a questão da prevenção, transpondo-a para primeiro plano da abordagem da Psicologia Positiva que, assim, “... deve procurar compreender os fatores que facilitam um funcionamento ótimo bem como aqueles que o previnem.” (Reynolds e Lim, 2007, p.66). O estudo e a identificação de tais fatores iriam permitir a aprendizagem destes, por parte das novas gerações, de modo a promover um desenvolvimento mais positivo e, conseqüentemente, uma maior capacidade para enfrentar novos desafios (Larson, 2000; *in* Barros, 2010a). Os fatores protetores já identificados por este novo paradigma são: a espiritualidade (Peterson, Park e Seligman, 2006), o otimismo, os sentimentos de pertença, as atividades com significado para o sujeito e o empenho num projeto de vida (Reynolds e Lim, 2007).

Porém, a compreensão das forças humanas e virtudes cívicas só seria possível com a criação de um sistema de classificação das mesmas (Snyder e Lopez, 2002). Neste sentido, Peterson e Seligman (2004) propuseram uma hierarquia de classificação dividida em três níveis conceptuais, começando pela determinação de seis virtudes universais e, de seguida, procedendo à identificação de vinte e quatro forças de carácter e temas situacionais. A classificação das forças de carácter é apresentada no quadro 1.

As virtudes são um conjunto de características flexíveis, valorizadas em quase todas as culturas quer por filósofos, quer por teólogos. Os componentes psicológicos – processos ou mecanismos – que as definem são chamados de forças de carácter, não sendo, atualmente, nem exclusivos nem exaustivos. De acordo com os autores, um indivíduo para ser considerado um bom carácter tem de possuir apenas uma ou duas forças de cada virtude. Em relação aos temas situacionais, estes consistem em hábitos específicos que levam as pessoas a manifestarem determinadas forças de carácter em situações concretas. Contudo, os temas não podem ser caracterizados como bons ou maus uma vez que podem contribuir, de forma idêntica, para a aquisição destas forças humanas ou para propósitos errados.

Quadro 1. Classificação das forças de carácter (*cit in* Guerra, 2010, pp. 5-6)

Classificação das Forças de Carácter	
1. Strengths of Wisdom and Knowledge (Sabedoria/Conhecimento)	Creativity (Criatividade)
	Curiosity (Curiosidade, abertura à experiência)
	Open-mindedness (Julgamento, pensamento crítico)
	Love to learning (Amor por aprender)
	Perspective = Wisdom (Atribuir um sentido para o próprio e para os outros)
2. Strengths of Courage (Coragem)	Bravery (Valor)
	Persistence (Perseverança)
	Integrity (Autenticidade e honestidade)
	Vitality (Entusiasmo, vigor, energia)
3. Strengths of Humanity (Humanidade)	Love (Amor)
	Kindness (Generosidade, afeto, compaixão, amor altruísta)
	Social intelligence (Inteligência social que inclui a inteligência emocional e pessoal)
4. Strengths of Justice (Justiça)	Citizenship (Cidadania com responsabilidade social, lealdade e trabalho de equipe)
	Fairness (Sentido de justiça com sentido moral e respeito pelos outros)
	Leadership (Liderança)
5. Strengths of Temperance (Temperança)	Forgiveness and Mercy (Perdão e compaixão)
	Humility and Modesty (Humildade e modéstia)
	Prudence (Prudência)
	Self-regulation (Autorregulação, auto-controlo)
6. Strengths of Transcendence (Transcendência)	Appreciation of Beauty and Excellence (Apreciar o belo e a excelência)
	Gratitude (Gratidão, reconhecimento - sentir-se grato por cada dia, pelas pessoas que o rodeiam e pela ajuda que recebe)
	Hope (Esperança)
	Humor (Humor)
	Spirituality (Espiritualidade, religiosidade, fé)

De uma forma geral, a assumpção básica da Psicologia Positiva é identificar, estudar, relacionar e ponderar o peso destas forças de carácter que contribuem para: a felicidade, o bem-estar, o *fulfilment* e a saúde no sentido subjetivo (Linley, Joseph, Harrington e Wood, 2006). A felicidade e o bem-estar, na opinião de Seligman (2003; *in* Guerra, 2010), resultam, ainda, de três tipos de emoções positivas: as do passado como o contentamento, a satisfação, a serenidade e o orgulho; as do presente que englobam os prazeres mais sensoriais e as gratificações (que só serão fomentadas por meio das forças e virtudes que sejam desenvolvidas); e as do futuro, entre elas, a esperança, o otimismo, a fé e a confiança.

Todavia, na história da Psicologia, o interesse por uma “orientação salutogénica” (Antonovsky, 1987; *cit in* Barros, 2010a, p. 11), pela saúde mental em detrimento da doença mental (Jahoda, 1958; *in* Aspinwall e Staudinger, 2003) e pela maturidade e crescimento (Erikson, 1959; *ibidem*) não é novo. Aliás, Seligman e Csikszentmihalyi

(2000) reconhecem que a Psicologia Positiva não é uma ideia nova mas tem muitos antepassados de renome. Uma revisão bibliográfica sobre a pesquisa existente acerca dos aspetos do funcionamento positivo da personalidade revela que o antecedente histórico mais antigo da Psicologia Positiva é Aristóteles, com os seus textos sobre o significado de virtude e o que está por detrás de uma vida boa (Linley, 2009). Além disso, Abraham Maslow (1968) já se preocupou em estudar as pessoas que ele considerava adaptadas e felizes (utilizando o conceito de auto-atualização) em vez da patologia que tinha sido o objeto da maioria das investigações desde Freud (*in* Linley *et al.*, 2006). Peterson e Seligman (2004) acrescentam os contributos da análise da personalidade baseada em Eysenck, Cattell e Gordon e os fatores de resiliência interna (fatores protetores) baseados em Kumpfer. Na opinião de Seligman e Csikszentmihalyi (2000), estes autores, contudo, não conseguiram produzir conhecimento suficiente que retificasse as suas ideias.

A Psicologia Positiva deve, então, compreender e promover os fatores que permitam aos indivíduos, comunidades e sociedades não só a resistir e a sobreviver mas, fundamentalmente, a prosperar. As suas raízes dizem respeito a determinadas características da personalidade de uma pessoa, como o altruísmo, a tolerância, a capacidade de amar e ser amado, a espiritualidade, a sabedoria, a criatividade, a coragem, entre outras (Barros, 2010a).

É esta coragem em enfrentar os vários desafios que a vida nos coloca, ainda pouco estudada pelos teóricos, que será abordada seguidamente.

2. Coragem: um construto complexo e multidimensional

A vida de cada um de nós é pautada por um certo risco, ameaça e diversos desafios. Por exemplo, uma criança defronta-se, muitas vezes, com a separação dos seus pais; um adulto depara-se com a possível perda do seu posto de trabalho; qualquer um de nós pode, em algum momento da vida, ter de lidar com problemas de saúde inesperados e graves. Em todas estas situações, é necessário que tenhamos coragem para as enfrentar.

Então, o que é a coragem?

A coragem consiste na procura intencional de um objetivo digno, apesar da perceção de ameaça pessoal e da incerteza de qual será o seu desfecho. Todavia, esta não é só aplicada a situações que ocorrem nas diversas áreas da nossa vida mas,

também, surge no momento em que nos debatemos/enfrentamos o nosso mundo interior (e.g. o confronto com emoções intensas e que se encontram em mudança; a construção de uma autoimagem, em constante desenvolvimento). Por isso, a coragem é considerada como uma medida de força de carácter uma vez que, em primeiro lugar, obriga-nos a perguntar o que é de facto importante para nós e, de seguida, põe à prova a nossa vontade de arriscar e a nossa segurança, para protegermos aquilo que mais estimámos (Pury e Woodard, 2009).

Segundo Pury e Woodard (2009), o modo como os indivíduos encaram os vários desafios que a vida lhes traz, sejam estes internos ou externos, vai depender da natureza e da qualidade da coragem de cada um, sendo o grau de coragem determinado pela confiança, sensação de bem-estar e exploração ativa, que caracterizam todo o percurso desenvolvimental do sujeito.

Apesar da coragem ser considerada uma virtude universal, esta é um conceito ambivalente e ambíguo. Isto é, existe a “boa” coragem (a que ajuda o indivíduo a enfrentar os desafios da vida) mas, também, a “má” coragem (a que conduz uma pessoa egoísta a agir generosamente tendo como único objetivo o proveito próprio, o poder). Sendo assim, a pessoa verdadeiramente corajosa é aquela que é altruísta e que nunca age de forma a prejudicar os outros, pelo contrário, ajuda-os e está disposta a dar a vida por eles, se necessário (Barros, 2010a).

2.1. Perspetiva histórica da coragem

Do ponto de vista histórico, a coragem é tida como um grande valor, que ajuda o indivíduo a confrontar-se com os desafios intra e interpessoais que a vida lhe coloca (Lopez, O’Byrne e Petersen, 2003). Como tal, alguns filósofos e teólogos consideram a coragem (força espiritual) e a sabedoria (prudência) como as duas das quatro virtudes cardeais, em conjunto com a justiça e a temperança. Estas promovem o desenvolvimento pessoal e, em particular, a coragem ajuda a superar obstáculos que possam dificultar a prática das restantes virtudes (Snyder e Lopez, 2007).

Sócrates foi um dos primeiros filósofos a debruçar-se sobre a coragem, procurando compreender a sua natureza e de que forma os jovens poderiam obtê-la. Para isso, ele implorou a Laques: “Diz-me, se podes, o que é a coragem” (Platão, 1953; *cit in* Snyder e Lopez, 2007, p. 221). Seguindo a mesma linha de pensamento, Aristóteles também pretendeu determinar qual a natureza da coragem e quais as suas

qualidades, dando particular atenção à *andreia* – um termo grego que designa a bravura dos soldados ou de um exército que combate no campo de batalha, apesar das condições serem adversas (a dita coragem *física*). Há séculos atrás, o papel do medo na coragem já era uma questão de reflexão destes filósofos, ao afirmarem que os soldados deveriam ter a capacidade de distinguir receios legítimos de receios ilegítimos, evidenciando, desta forma, alguma sabedoria (Pury e Woodard, 2009).

Platão, por sua vez, estudou a coragem moral dos seus mentores, tornando-a numa das virtudes cardeais do seu tempo, ao incluir, nesta pesquisa, a resistência ao Mal dos mesmos (*ibidem*).

No período da Idade Média, esta virtude foi também o foco de alguns estudos, nomeadamente de S. Tomás de Aquino que, na *Summa Theologiae*, se refere à coragem como a virtude cardinal da fortaleza (*in* Barros, 2010a). Este autor destacou a importância de defrontar as ameaças físicas, com força mental e espiritual, bem como a superação do medo para melhorar a ação (Pury e Woodard, 2009).

Na Idade Moderna, autores, como Descartes, tentaram interpretar a coragem.

Porém é, apenas, nos finais do século XX e inícios do século XXI, que o interesse por este construto começou a ganhar relevo, particularmente no campo da Psicologia, onde os teóricos dividiam-se pelo estudo da coragem, na sua dimensão física ou moral (Barros, 2010a). Aqui, Daniel Putman (1997) chama a atenção para um novo tipo de coragem que engloba o confronto com o medo gerado pelos nossos hábitos e emoções, e ao qual denominou de coragem *psicológica*. Para Lopez *et al.* (2003), a coragem *psicológica* poderia ser uma forma de coragem *vital*.

Assim, e ainda que a compreensão desta qualidade extraordinária tenha intrigado, desde há muitos séculos, quer estudiosos, quer leigos, somente nas últimas décadas, surgiu uma base de dados desenvolvida por investigadores de várias áreas (e.g. Rachman, 1984; Shelp, 1984; Haase, 1987; Finfgeld, 1995; Putman, 1997), a partir da qual se pode iniciar a operacionalização deste construto (Lopez *et al.*, 2003). Snyder e Lopez (2007), os primeiros autores a estudarem a coragem numa perspetiva psicológica, apresentaram 18 conceções diferentes de coragem, que, no seu conjunto, dão uma visão histórica do que os pesquisadores e a sociedade valorizam em termos de persistência perante o medo. Destas destacam-se: a definição de Hemingway (“Grace under pressure”; *cit in* Snyder e Lopez, 2007, p. 222), considerada uma definição mais moderada de coragem e a definição de Hobbes (“The contempt of wounds and violent

death. It inclines men to private revenges, and sometimes to endeavor the unsettling of public peace”; *cit in* Snyder e Lopez, 2007, p. 222), tida como a conceptualização mais crítica. Uma outra definição a realçar é a de Cícero que aborda a natureza multidimensional da coragem, abrangendo a coragem *física*, a paciência e a perseverança indispensáveis para a coragem *vital*, e, por fim, a grandiosidade inerente à coragem *moral* (*ibidem*).

Quanto à opinião de leigos acerca do que é a coragem – as teorias implícitas –, o estudo de O’Byrne, Lopez e Petersen (2000) evidencia que existe uma grande diversidade de pontos de vista. Ou seja, “ Há quem perceceione a coragem como uma atitude (por ex. otimismo), enquanto que outros a veem como um comportamento (por ex. salvar a vida de alguém); alguns pensam que a coragem envolve assumir um risco, enquanto outros acentuam o papel do medo. Mas nem a componente ‘risco’ nem a componente ‘medo’ está presente em todas as descrições.” (Snyder e Lopez, 2007; *cit in* Barros, 2010a, p. 114).

Tendo em consideração as perspectivas dos teóricos e dos leigos acerca do que é a coragem, Snyder e Lopez (2007) afirmam que a definição de coragem de Cícero é a que melhor transcende a cultura e o tempo, visto que, esta já enaltecia qualidades como a esperança, a confiança e a honra. Para os autores, a compreensão desta virtude sofreu, por isso, poucas alterações em 2000 anos.

2.2. Principais dimensões da coragem

Atualmente, diversos estudiosos têm procurado identificar e compreender a coragem. No entanto, uma definição operacional deste contruto continua a ser uma ilusão (Lopez *et al.*, 2003; Pury e Woodard, 2009).

Shelp (1984), ao analisar a relação estabelecida entre o médico e o seu paciente, concluiu que a coragem é composta por: a ação voluntária, o perigo das circunstâncias, uma avaliação razoável do risco, a procura de um bem percebido, a incerteza e, talvez, o medo.

Woodard (2004), por entender a coragem como a capacidade de agir por uma causa significativa, embora o indivíduo experiencie o medo associado à ameaça percebida, excedendo, assim, os seus recursos disponíveis, salienta o papel do medo no aparecimento de riscos e de incertezas inerentes à ação corajosa.

Para Rate, Clarke, Lindsay e Sternberg (2007), a coragem é constituída por dimensões específicas, tendo como componentes: a intencionalidade, a deliberação, o risco pessoal para o sujeito, a ação nobre e, mais uma vez, talvez o medo.

Embora não haja uma definição abrangente de coragem, Pury e Woodard (2009) afirmam que parece existir um consenso entre os vários autores de que: a coragem obriga a que a pessoa, primeiramente, tenha consciência e compreenda a situação que despoleta uma ação corajosa e decida agir, de forma voluntária; de seguida, o objetivo a que se propõe, na sua perspetiva, deve ser considerado digno; e, por fim, ela deve percecionar a situação como potencialmente ameaçadora para si e o seu desfecho deve permanecer incerto. Para alguns autores, o papel do medo é secundário, sendo a coragem, apelidada como tal, somente quando a segurança pessoal do indivíduo está ameaçada. A definição deste critério deve-se ao facto da capacidade da ameaça pessoal e da incerteza do resultado para potenciarem o medo e ansiedade no indivíduo, estar dependente do treino, da familiaridade com as situações e da confiança do próprio.

2.3. *Tipologias da coragem*

Apesar da falta de consenso entre os teóricos relativamente a uma definição operacional de coragem, o mesmo não acontece quanto à tipificação desta virtude humana. Isto é, a maioria dos autores, desde Platão até Lopez *et al.* (2003), parece concordar com a existência de diversos tipos de coragem, ou pelo menos, de variados tipos de situações que poderiam ser designadas por corajosas (Pury, Kowalski e Spearman, 2007).

A classificação das ações corajosas varia consoante alguns critérios: a natureza dos riscos e dificuldades a elas associados, o contexto em que decorrem e os seus objetivos, e, ainda, os traços que lhes estão subjacentes e que podem fomentar a coragem (Pury, 2008).

De acordo com o padrão de riscos tomados, três tipos de coragem são enunciados: a coragem *física*, a coragem *moral* e a coragem *vital* (Pury e Woodard, 2009).

A coragem *física* corresponde à capacidade de superar o medo esmagador de sofrer qualquer dano físico ou mesmo de morrer, na luta por um objetivo nobre. Um exemplo desta remonta à Grécia Antiga, onde o termo *andreia* (ou coragem militar) caracterizava um “bravo soldado” (*cit in* Lopez *et al.*, 2003, p. 183). Segundo Rorty

(1988; *in* Snyder e Lopez, 2007), esta disposição para agir, de forma adequada, em situações de medo face a perigos físicos, desde a antiguidade até ao presente, parece ser universalmente valorizada. A coragem *física* surge, então, em circunstâncias especiais, como salvar a vida de uma pessoa.

O primeiro autor americano a enunciar a coragem foi Ernest Hemingway. O seu fascínio pela coragem *física*, em diferentes campos de atuação, é visível no código que ele próprio elaborou e é denominado de “Código de Hemingway”. Neste, o escritor defende uma vida caracterizada pela força, pelo conhecimento e pela coragem. Ainda hoje, este código continua a ser um conjunto de normas de conduta para muitos cidadãos americanos (Snyder e Lopez, 2007).

Um outro autor a salientar, no âmbito do estudo da dimensão física da coragem, é Jack Rachman (1984) que, após ter dado conta de que a coragem era o espelho do medo relacionado com o perigo físico, e de que algumas pessoas lidavam melhor com a perceção do perigo do que outras, elaborou uma pesquisa na qual participaram paraquedistas, soldados condecorados e membros de equipas anti-bombas. Esta tinha como objetivo a recolha de informações acerca da natureza do medo e, consequentemente, da coragem. Do seu estudo, ele concluiu que as pessoas corajosas são persistentes e têm uma rápida recuperação fisiológica, indicando, ainda, que as ações corajosas não têm características específicas e nem sempre ocorrem em contexto de sociedade (e.g. as lutas interiores com que os seus clientes se debatiam em psicoterapia). Para este teórico, há mais coragem do que a *andreia* (Snyder e Lopez, 2007).

A coragem *moral* tem sido analisada não só por Platão mas também por outros autores e leigos, chegando à conclusão de que esta requer uma força enorme. Isto é, este tipo de coragem, ao consistir na adoção de comportamentos autênticos face à discórdia (Lopez *et al.*, 2003), pode levar o sujeito a vivenciar uma perda da sua posição social ou até do seu próprio auto-conceito (Pury e Woodard, 2009). Desta forma, um comportamento coerente com a coragem *moral* de cada um é posto em prática quando, numa situação de discórdia ou de rejeição, a prudência do próprio indivíduo indica-lhe que este deve assumir uma posição (Snyder e Lopez, 2007). Neste sentido, existem diversos exemplos das diferentes faces da coragem *moral* como: um estudo de O’Byrne, Lopez e Petersen (2000), no qual os participantes demonstraram valorizar a coragem *moral*, que é indispensável para combater o preconceito e manter-se firme no que diz

respeito às suas ideias, em situações que o exigem; as pesquisas de Shelp (1984) e de Finfgeld (1998), mostrando que a coragem deve ser facilitada e encorajada pelos prestadores de cuidados de saúde, em parte, ao serem verdadeiros e diretos; e Putman (1997) ao defender que esta coragem é evidenciada no momento em que uma pessoa enfrenta alguém com poder sobre ela (e.g. o patrão) em defesa de um bem maior, podendo vir a sofrer alguma desaprovação social (*in* Lopez *et al.*, 2003).

A coragem *vital* (termo da autoria de Finfgeld) engloba a junção de forças necessárias para enfrentar uma doença física, ou qualquer outra ameaça para a estabilidade do bem-estar de cada pessoa (Pury e Woodard, 2009). Ou seja, é demonstrada, por exemplo, por aqueles que, diariamente, lidam com doentes graves e, no extremo, doentes terminais – os médicos e os enfermeiros (Barros, 2010a); pelos pacientes que tentam combater uma doença, recorrendo para isso à cirurgia, aos medicamentos e a diversos e, por vezes, dolorosos tratamentos (e.g. quimioterapia, no caso de uma doença cancerígena); e, ainda, pelas pessoas que enfrentam uma doença crónica (Lopez *et al.*, 2003).

Recorrendo a nove adolescentes que sofriam de uma doença crónica, Haase (1987) procurou estudar as experiências subjetivas de coragem, utilizando, para isso, uma abordagem fenomenológica. A partir do seu estudo, o autor concluiu que a coragem envolve o desenvolvimento de uma consciência pessoal profunda sobre os potenciais efeitos da doença, a curto e a longo prazo. Assim, à medida que o tempo ia passando, os adolescentes percecionavam a situação como difícil mas não como impossível, desenvolvendo atitudes e estratégias de *coping*. Através da resolução de pequenas situações de coragem (e.g. o tratamento, as mudanças físicas inerentes à doença em questão), um senso de mestria, competência e realização é adquirido bem como uma sensação de crescimento.

Por seu lado, Finfgeld (1998), ao entrevistar adultos de meia-idade que sofriam de determinada patologia, defendeu que a coragem engloba: a tomada de consciência e a aceitação, por parte do sujeito, da sua condição de saúde a longo prazo; a resolução de problemas por meio do *insight*; e o desenvolvimento de uma maior sensibilidade relativa a si e aos outros. Três anos antes, a mesma autora, depois de entrevistar adultos mais velhos, que demonstravam ser corajosos na sua luta contra uma doença crónica, afirmou que ser-se corajoso é um processo que decorre ao longo de toda a vida, muitas

vezes, só desabrocha face a uma ameaça ou luta por algo e, por fim, deve-se a fatores como: valores, esperança e a existência de outros significativos.

Uma forma de coragem *vital* e que pode ser bastante comum a toda uma sociedade, a toda uma Nação, e em qualquer parte do Mundo, é a coragem *psicológica*. Isto é, segundo Putman (1997), a capacidade de enfrentar os desafios psicológicos, que vão surgindo ao longo da vida, e que aparecem sob a forma de *stress*, de tristeza e de relacionamentos disfuncionais. À coragem *psicológica* está inerente a ameaça do equilíbrio psicológico de cada um, no alcance de um objetivo digno (Pury e Woodard, 2009). Estas disfunções podem ser combatidas pela reestruturação das crenças do indivíduo em questão ou pela dessensibilização sistemática dos seus próprios medos (Lopez *et al.*, 2003).

Ainda que a tipificação da coragem supra-referida seja a mais comumente utilizada pelos teóricos, Pury *et al.* (2007) verificaram que os diferentes padrões de risco e dificuldades associados à ação corajosa não são um bom preditor das diferenças entre as pessoas que agem corajosamente. Ou seja, as diferenças individuais estariam mais relacionadas com o contexto onde tal ato ocorre. A par desta descoberta, Woodard e Pury (2007), ao reavaliarem a escala de coragem criada por Woodard em 2004, acrescentaram a natureza do objetivo pretendido como um critério diferenciador. Sendo assim, estes autores identificaram quatro tipos de coragem: a coragem no trabalho (que engloba ações corajosas tomadas no âmbito da carreira profissional ou em busca de objetivos pessoais), a coragem baseada em crenças (colocada em prática para defender a sua religião ou crenças políticas), a coragem social (ou seja, a tomada de uma posição moral, apesar da pressão social) e a coragem familiar, que consiste em atos corajosos tidos em contexto familiar ou num relacionamento íntimo.

Mais concretamente, pela análise do contexto em que a ação corajosa decorre, alguns estudiosos avançam com tipologias de coragem alternativas. Um exemplo destas surge, a partir dos estudos de Greitemeyer, Fischer, Kastenmüller e Frey, que fizeram a distinção entre coragem civil e a ação corajosa que decorre da responsabilidade a que determinadas profissões obrigam como é o caso dos bombeiros, paramédicos, militares, entre outras (Pury e Woodard, 2009).

Uma outra classificação de coragem é proposta por Peterson e Seligman (2004), na qual esta é definida como um núcleo forte de virtude humana composto por quatro forças de carácter: *valor* (adoção de uma postura física, emocional e intelectual perante

o perigo), *autenticidade* (sinceridade), *entusiasmo/gosto de viver* (expresso em situações desafiadoras) e *esforço/perseverança* (realização das tarefas e o enfrentar os desafios até ao fim). Além disso, estes autores consideram-na um veículo através do qual outros valores emergem na adversidade.

Neste sentido, Pury e Kowalski (2007) realizaram um estudo onde pediram a cerca de 300 estudantes universitários que descrevessem uma situação em que, na sua opinião, tenham agido de forma corajosa e, posteriormente, a avaliassem tendo em conta as 24 forças de carácter apresentadas por Peterson e Seligman (2004). Os resultados mostraram que *valor*, *autenticidade* e *esforço/perseverança* foram avaliados como as forças que melhor descrevem as ações corajosas, juntamente com a esperança (crença de que se conseguirá alcançar o objetivo desejado) e a bondade (o ajudar o outro). A coragem pode, então, ser considerada como uma virtude fundamental para exprimir a esperança e, em muito casos, a bondade.

Ainda, e de acordo com o estudo supra-referido, a perseverança é a força universal da coragem.

2.4. *Relação com outros conceitos*

Pury e Woodard (2009) advogam a existência de alguns pontos de ligação entre a coragem e conceitos como o medo, a auto-eficácia ou a confiança, a esperança, o altruísmo e a bondade, e, também, a obediência à autoridade e o conformismo.

Durante séculos, a relação entre o medo e a coragem foi defendida por diversos teóricos embora continue, ainda, a não ser bem compreendida (Snyder e Lopez, 2007).

O debate acerca do papel do medo na coragem remonta à Antiguidade, onde Aristóteles e Platão adotaram perspetivas diferentes. Para Aristóteles, a coragem consistia na “disposição para agir, de forma adequada, em situações que envolvessem o “sentimento” de medo... [enquanto que] ... Platão (...) descrevia a coragem como o conhecimento do que deve ou não ser temido.” (*cit in Rate et al.*, 2007, p. 95), ou seja, caracterizando-a como uma compreensão racional do medo em vez de assumi-lo como uma das suas componentes.

Um dos primeiros estudiosos a analisar esta ligação foi Jack Rachman (1984), tendo verificado que o medo das pessoas poderia levá-las a realizar ações corajosas. Tal acontece porque estes atos são descritos segundo um modelo tripartido do medo, no qual a ocorrência das ações corajosas dá-se quando um indivíduo experimenta

alterações fisiológicas derivadas do medo e/ou de determinadas cognições, mas não se comporta de forma temerosa. Outros pesquisadores consideram que o medo é, somente, uma característica bastante comum da coragem e que se deve à ameaça pessoal percebida pelo sujeito e/ou à indeterminação dos resultados, sendo estas as condições necessárias para uma ação ser denominada de corajosa. Através de auto-relatos retrospectivos sobre o medo nestas situações, verifica-se que este atinge o seu valor mais elevado antes da ação ser concretizada, diminui ligeiramente durante a mesma e acaba por cair de forma drástica após a finalização do ato corajoso (Pury e Woodard, 2009).

Quando a incerteza do desfecho de uma ação corajosa é ultrapassada, a pessoa que a executa experiencia, muitas vezes, um aumento da sensação subjetiva de confiança e de domínio (Pury, 2008). Neste campo, os estudiosos observaram que esta confiança é baixa antes do momento de agir, aumentando gradualmente durante e após a realização destes atos (Pury e Woodard, 2009).

Nos diversos estudos efetuados nesta área (e.g. Pury e Kowalski, 2007), verificou-se que os participantes atribuíam um valor elevado de esperança nas ações corajosas. De facto, o modelo de Snyder acerca da esperança afirma que esta envolve a crença de que é possível desenvolver caminhos em função de um fim desejado, e a capacidade de motivar-se a si próprio para usar esses mesmos caminhos – duas características que parecem estar presentes nas ações corajosas (*ibidem*). Como tal, Pury (2008) constata que um nível elevado de esperança pode estar relacionado com o aumento do nível de confiança e intencionalidade que o acompanha bem como com uma menor incerteza acerca do desfecho destes atos.

Relativamente ao altruísmo, o que se reconhece é que, apesar de, normalmente, as condutas corajosas terem por base o ajudar o outro, as ações corajosas são diferentes das ações altruístas. Isto acontece porque, em situações caracterizadas pela coragem, o indivíduo sente uma maior responsabilidade para agir, considerando que não necessita de ter determinadas competências para tal e, espera uma maior apreensão, raiva e menos efeitos sociais positivos (Pury e Woodard, 2009).

No que diz respeito à obediência à autoridade e ao conformismo, o que se verifica é que as atitudes corajosas, ainda que não sejam medidas como tais, marcam presença nos estudos acerca do não conformismo. A coragem *moral* é um exemplo disso, ao envolver o confronto com o outro que, muitas vezes, pode ser mais poderoso

do que a pessoa que o enfrenta, sendo vista como o desafiar da autoridade e do conformismo (*ibidem*).

Um outro aspeto a salientar corresponde às diferenças de género relativas à coragem. Becker e Eagly (2004) verificaram que, embora haja mais homens a serem condecorados pela sociedade devido aos seus atos corajosos, existe um número ligeiramente superior de mulheres que se comprometem com outro tipo de ações heroicas como a doação de órgãos, o voluntariado para zonas bastante problemáticas e perigosas (e.g. África), entre outras. Estes autores explicam estas diferenças considerando a construção do papel masculino, o controlo emocional, o requisito de velocidade e força física (muito presente em situações dominadas pelos homens) e a preocupação empática e de construção de relação (evidenciada em situações onde há um maior equilíbrio entre os sexos) (*in* Pury e Woodard, 2009). Pury *et al.* (2007) encontraram efeitos de género semelhantes.

2.5. *Desenvolvimento e avaliação da coragem*

A conceptualização da coragem, numa perspetiva desenvolvimental, foi estudada por Szagun (1992) e por Szagun e Schäuble (1997), utilizando entrevistas estruturadas ou questionários de perguntas abertas, de acordo com a idade dos participantes.

Em 1992, Szagun dedicou-se a analisar as conceções de coragem de 90 crianças alemãs, com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos, usando para isso uma entrevista estruturada e aplicando-a individualmente. Os participantes foram divididos por 3 grupos etários: 5 – 6 anos, 8 – 9 anos e 11 – 12 anos. Nesta entrevista, Szagun pedia-lhes que dessem a sua opinião acerca de pequenas descrições de coragem que lhes foram apresentadas e, posteriormente, que indicassem o grau de coragem para 12 atividades diferentes, numa escala de Lickert de 5 pontos (1 – 5), em que 1 = não corajoso e 5 = muito corajoso. Após a análise dos resultados, esta autora verificou que: as crianças com 5 a 6 anos de idade consideravam a coragem como aquela em que o sujeito não tem medo de executar uma ação arriscada; as crianças com 8 e 9 anos de idade e com 11 – 12 anos compararam a coragem com a superação do medo e o correr riscos subjetivos; e as crianças com mais de 11 – 12 anos afirmaram que uma componente necessária para a coragem seria a deliberação quanto à tomada de riscos. Para além disso, à medida que a idade vai avançando, as crianças mais novas avaliavam

os riscos físicos como sendo os mais corajosos enquanto que as crianças mais velhas valorizavam a superação de riscos psicológicos/sociais.

Passados 5 anos, Szagun e Schäuble estudaram a coragem em crianças (através de uma entrevista estruturada), adolescentes e adultos (por meio de um questionário de perguntas abertas). Às crianças foi-lhes apresentada uma história de uma determinada personagem e, a partir desta, algumas questões sobre a coragem foram feitas. Aos adolescentes e adultos foi-lhes pedido que se recordassem de uma situação em que tivessem agido com coragem e, de seguida, descrevessem-na, salientando os pensamentos e sentimentos ocorridos. Desta pesquisa, as autoras concluíram que, com o avançar da idade, a coragem é descrita como uma experiência emocional multifacetada focada no medo e na superação deste, podendo ser controlada através da aquisição de estratégias psicológicas. Tal como se verificou no estudo previamente apresentado, os participantes mais novos percecionavam a coragem como o correr um risco físico ao passo que os mais velhos centravam-se na tomada de riscos psicológicos.

No entanto, Barros (2010a) afirma que são precisos mais estudos que comparem as diferentes idades, e observem as mesmas pessoas numa perspetiva longitudinal, de modo a analisar como o conceito e a vivência desta dimensão da personalidade vão evoluindo.

Relativamente à avaliação deste tópico, esta não tem sido uma tarefa muito fácil, na medida em que, a coragem é um conceito polifacetado e ambíguo (Barros, 2010a).

Nas últimas três décadas, várias medidas de auto – relato têm sido desenvolvidas para fins de investigação. Um desses exemplos prende-se com a escala criada por Larsen e Giles, em 1976, com o objetivo de medir a coragem existencial (similar à coragem *moral*) e a coragem social (relacionada com a coragem *física*). Esta escala é constituída por 50 itens, dos quais 28 analisam a coragem existencial e 22 correspondem à coragem social. Contudo, o seu suporte psicométrico é bastante limitado, não tendo sido efetuados muitos estudos para a aperfeiçoarem (*in* Lopez *et al.*, 2003).

Se, por um lado, há diversas escalas sobre a coragem constituídas por itens de auto – relato, por outro lado, poucas escalas publicadas servem para medir as diferenças individuais relativas a este tópico. Assim, existem as escalas que compõem o Sistema de Classificação de Peterson e Seligman – *Values in Action* (VIA) – e a escala de coragem de Woodard – Pury. As primeiras incluem, entre outras virtudes, a coragem, sendo

compostas por questões, nas quais os sujeitos têm de pensar nas suas preferências e comportamentos típicos. Nestas, a coragem é medida com base num conjunto de quatro forças específicas: bravura (*valor*), integridade (*autenticidade*), vitalidade (*entusiasmo/gosto de viver*) e perseverança. A escala de Woodard – Pury, por sua vez, solicita aos participantes que, perante algumas situações hipotéticas, estimem a probabilidade de agirem corajosamente. Juntamente com esta escala, outra é igualmente aplicada, tendo como finalidade a medição do medo que os indivíduos experienciam em cada uma das situações apresentadas (Pury e Woodard, 2009).

Ainda, Pury *et al.* (2007) relevam que a coragem de uma determinada ação pode depender do quadro de referência que é usado para a comparação. Assim, as ações consideradas corajosas, tendo em conta o comportamento da maioria das pessoas em situações idênticas, dizem respeito à coragem geral e os atos tidos como corajosos, após o seu enquadramento no contexto de vida do sujeito, correspondem à coragem pessoal. Na coragem geral, as ações são tomadas com muita confiança e pouco medo, sendo, frequentemente, percecionadas pelos outros como corajosas e tendo a possibilidade de serem reconhecidas pela sociedade (e.g. condecoração de medalhas de heroísmo). Por sua vez, na coragem pessoal, as ações são executadas apesar do medo e das limitações pessoais. Como tal, estas ações são vistas como nobres, apenas, pelas pessoas que são bastante próximas do indivíduo que as concretiza ou por aqueles que possuem uma visão mais empática dos outros (e.g. psicoterapeutas).

Todavia, segundo Snyder e Lopez (2007), por não haver a proposta de uma teoria compreensiva acerca da coragem, que tenha sido cuidadosamente analisada, o desenvolvimento de escalas breves sobre esta virtude encontra-se, ainda, na sua fase inicial. Aliás, estes autores enunciam várias escalas que, por terem como base teorias distintas sobre a coragem, podem ser uni ou plurifactoriais. Por exemplo, Woodard e Pury (2007), fundamentando-se numa teoria sobre a coragem que incide na vontade de agir e não no medo, ao reavaliarem a escala que Woodard desenvolveu em 2004, verificaram que esta é tetrafactorial.

Outra questão fundamental na medição deste constructo prende-se com a indefinição de quais os elementos de coragem que devem ser alvos de avaliação: os elementos tónicos (que estão presentes em todas as situações), ou os elementos fásicos (que só surgem quando é necessário), ou ambos (Peterson e Seligman, 2004; Snyder e

Lopez, 2007). Para Snyder e Lopez (2007), a escolha deve ser feita tendo em consideração o tipo de coragem a ser avaliado.

Além disso, a dúvida, por parte dos estudiosos, se se refere a uma coragem-estado ou a uma coragem-traço de personalidade, permanece. De acordo com Barros (2010a), uma pessoa tende a ser mais ou menos corajosa (coragem-traço) e não se comporta como tal, apenas, em algumas situações (coragem-estado).

2.6. *Pedagogia da coragem*

Sendo a coragem uma parte importante do nosso modo de viver a vida e de lidarmos com os desafios e tensões que, inevitavelmente, a constituem, a existência e a necessidade de uma *pedagogia da coragem* impõe-se (Barros, 2010a).

Mas, será possível ensinar uma pessoa a tornar-se mais corajosa?

Pury (2008) é quem levanta esta questão, concluindo que sim, embora reconheça que a melhor forma de o fazer, ainda, não tenha sido objeto de estudo das investigações realizadas neste domínio. Para a autora, um dos métodos de ensino da coragem consiste em instruir o indivíduo de como ele pode diminuir o impacto das componentes que funcionam como barreiras para agir corajosamente e, em contraste, aumentar o daquelas que potenciam uma ação corajosa. Para isso, é necessário que o profissional, primeiramente, diferencie quais são as componentes da coragem e, de seguida, as associe às respetivas reações emocionais.

Tendo em consideração tudo o que foi dito anteriormente, pode-se afirmar que todos os atos corajosos têm algumas características em comum. Em primeiro lugar, a todos eles está inerente uma intencionalidade e, geralmente, são acompanhados por um acréscimo da auto-eficácia. Estes são postos em prática, perante a perceção de ameaça pessoal e da incerteza, que pode despoletar o medo. Além disso, tais atos possuem um propósito nobre que, em função das circunstâncias em que ocorre, pode ter consequências emocionais de empatia para a vítima ou ira. A intencionalidade, o enfrentar os riscos, o defrontar a incerteza, e a dignidade do objetivo são, então, as quatro componentes necessárias da coragem (Pury, 2008).

Segundo o estudo de Greitemeyer, Fischer, Kastenmüller e Frey (2006) sobre as semelhanças e diferenças entre a coragem civil e o comportamento de ajuda, pôde-se verificar que fatores como: a perceção de um acontecimento como uma situação de emergência, a vivência de uma pressão, interna e externa, para ajudar o outro, a crença

de que é detentor das competências necessárias para executar essa ajuda e o sentimento de ira, podem potenciar o agir de forma corajosa, enquanto que, o comportamento de ajuda está associado a um sentimento de maior empatia para com o outro. Visto que, as componentes da coragem permitem distinguir as situações nas quais o sujeito age de forma corajosa daquelas em que ele não o faz, levantou-se a hipótese de que alterações nessas componentes e nos estados emocionais que lhe estão associados (medo, confiança e ira), poderiam ser o caminho a percorrer para aumentar a coragem de um indivíduo (Pury, 2008).

Com base nesta hipótese, a autora propõe um programa de ensino da coragem dividido em 5 etapas: a diminuição da quantidade do medo experienciado; o aumento do sentimento de ira; a fomentação da auto-eficácia; a atenuação do risco percebido e o aumento da probabilidade do objetivo pretendido ser alcançável; e a valorização da natureza nobre do propósito da ação. Por pressupor a modificação das emoções correlacionadas com a coragem, este programa recomenda a utilização de algumas técnicas usadas na terapia cognitivo-comportamental (a exposição, o reforço, a modelagem e a reestruturação cognitiva), dada a sua eficácia comprovada na promoção de mudanças comportamentais e emocionais, no tratamento de várias perturbações clínicas (e.g. Buttler, Chapman, Foreman e Beck, 2006; *cit in* Pury, 2008).

A possibilidade de aumentar a probabilidade de uma pessoa agir corajosamente, através da redução da quantidade de medo sentido numa determinada situação, não é algo novo. Rachman (1990; *cit in* Pury, 2008), no seu estudo com paraquedistas, soldados condecorados e membros de equipas anti-bombas, já tinha verificado que os indivíduos que, no passado, foram capazes de atingir um objetivo que, aos olhos de todos, requer bastante coragem, demonstravam escassos sinais fisiológicos de medo bem como níveis pouco significativos de medo, perante a exposição a um stressor experimental – a diminuição do medo pode ser, então, uma peça fundamental para aumentar a ocorrência das ações corajosas. Para que tal aconteça, Pury (2008) sugere o recurso a técnicas como a exposição (direta e indireta), a reestruturação cognitiva, o relaxamento (que pode ser induzido por meio da respiração diafragmática, do relaxamento muscular e da imaginação guiada), entre outras.

No que diz respeito ao sentimento de ira, os investigadores declaram que esta, apesar de não ser uma emoção positiva, pode facilitar a concretização de um propósito positivo. Tal acontece porque o sentimento de ira vai provocar uma diminuição da

ameaça percebida e, conseqüentemente, poderá aumentar a noção de que há uma maior possibilidade de realizar o fim desejado. A criação de um estado de ira, através da manipulação, em substituição do medo poderá fomentar a coragem (Lerner, Gonzalez, Small e Fischhoff, 2003; Pury, 2008). Contudo, há que evitar o uso excessivo desta emoção, devido ao seu carácter nefasto quer para a saúde física (e.g. Smith, 2006; *cit in* Pury, 2008), quer para as relações com os outros (e.g. Sanford e Rowatt, 2004; *ibidem*).

Para diversos estudiosos, as crenças nas capacidades próprias para organizar e executar os cursos de ação necessários à realização de um objetivo desejável – a auto-eficácia –, são uma das bases fundamentais da ação humana. Estas vão influenciar a forma como os indivíduos pensam, se sentem, se motivam a si mesmos e agem (Bandura, 1992, 1995, 1997). Se eles não acreditarem nas suas capacidades para produzir os efeitos desejados, através das suas ações, o incentivo para as executar será reduzido (Bandura, 1996). Por isso, aumentar a auto-eficácia de cada um torna-se pertinente para promover os atos corajosos.

De acordo com Bandura (1997), as crenças de eficácia do sujeito são influenciadas, entre outros, pelas suas próprias experiências: as diretas e as vicariantes. Quanto às experiências diretas, estas só irão conduzir ao aumento da auto-eficácia se incluírem situações em que a pessoa foi bem sucedida, particularmente aquelas que ocorreram em condições adversas e que tinham por base tarefas semelhantes, e se esse sucesso tivesse sido atribuído às suas capacidades e não ao trabalho árduo ou ao acaso. As experiências vicariantes, por sua vez, só terão um efeito efetivo se o indivíduo, num primeiro momento, se identificar com a pessoa que está a observar, seguidamente, mostrar-se atento a tudo o que ela faz, percebendo todos os passos realizados e sendo capaz de se lembrar destes posteriormente e, ainda, observá-la a ser recompensada por alcançar resultados dignificados. O aumento da auto-eficácia vai ter um efeito direto no aumento da confiança associada e da intencionalidade imprescindível para a coragem (Pury, 2008).

Além de mudar a forma de pensar da pessoa sobre os riscos e os resultados reais numa ação corajosa, Pury (2008) refere que, em diversas situações, a probabilidade e a extensão destes são passíveis de serem alteradas. Relativamente à diminuição dos riscos pessoais, ela pode ser concretizada por meio do treino, da prática e do planeamento (e.g. simulação de um incêndio, onde a ação dos bombeiros é avaliada). Para aumentar a probabilidade de um objetivo desejado ser conseguido, o indivíduo pode executar

algumas ações prévias que previnem o aparecimento do perigo para si e para os outros (e.g. levar um amigo a casa, por ele estar alcoolizado).

Uma outra forma de aumentar a coragem consiste no direcionar a atenção da pessoa para a nobreza do objetivo pretendido (Pury, 2008).

Num estudo realizado em laboratório, Pury *et al.* (2006) verificaram que, ao pedirem aos sujeitos para descreverem uma situação na qual agiram de forma corajosa, 82% dos participantes indicaram a adoção de algumas estratégias com a finalidade de aumentar a sua coragem (o *coping* centrado no problema, o *coping* centrado na emoção, o *coping* centrado no resultado, o não fazer nada e a combinação entre uma estratégia focada na emoção com outras). Destas, o *coping* centrado no problema, na emoção e no resultado foram as mais referidas, salientando-se as estratégias de *coping* centradas no resultado como as mais comumente utilizadas. Após a interpretação dos resultados, os teóricos concluíram que o tipo de estratégias mencionadas poderia estar associado à intencionalidade do comportamento corajoso, isto é, o *coping* centrado no problema atenuava o risco pessoal e a incerteza, o *coping* centrado na emoção ajudaria o sujeito a lidar melhor com as dificuldades emocionais despoletadas pelo risco e indeterminação dos resultados e o *coping* centrado no resultado enaltecia a natureza digna do objetivo perseguido. Uma vez que os participantes relataram o uso frequente de estratégias de *coping* centradas no resultado, o relembrar da grandiosidade do objetivo que se procura atingir poderá ser a componente mais impulsionadora de uma ação corajosa. (in Pury, 2008).

De uma forma geral, as linhas orientadoras da *pedagogia da coragem* deverão contemplar: a diminuição do medo e do risco objetivo; o aumento da ira, da confiança, da intencionalidade do comportamento e da probabilidade de alcançar o objetivo; e, por fim, evidenciar a natureza nobre desse mesmo propósito. Para isso, a aprendizagem da coragem deve ser feita com base no exemplo dos mais velhos e na prática progressiva desta virtude universal. Todavia, Pury (2008) considera que as modificações realizadas nas componentes da ação corajosa, de modo a aumentar-se a probabilidade do objetivo da ação ser conseguido, podem, paradoxalmente, torná-la menos corajosa.

Parte II

Estudo Empírico

1. Metodologia

1.1. *Objetivos e questões de investigação*

Desde a Antiguidade até ao momento atual, a questão “o que é a coragem?” tem tido uma atenção e interesse bastante significativos, porém, uma escassa pesquisa empírica (Rate *et al.*, 2007). Como Lopez *et al.* (2003) afirmam, apesar dos investigadores terem conseguido analisar os diferentes tipos de coragem, eles não obtiveram sucesso semelhante na determinação dos elementos ou das componentes desta qualidade extraordinária. Neste sentido, e sabendo que a definição operacional da coragem é fundamental para avançar neste domínio, a procura de uma estrutura comum de coragem constitui um importante foco de investigação (Rate *et al.*, 2007).

Para Rate *et al.* (2007), perante a não existência de uma definição operacional de coragem, a utilização de metodologias implícitas surgem como a melhor opção para conseguir alguns avanços neste campo de investigação. Como exemplos de estudos que se debruçaram sobre o conceito de coragem, através da abordagem implícita, temos as investigações de O’Byrne *et al.* (2000), de Woodard (2004) (já referidos anteriormente) e de Philips (2004) que questionou 65 pessoas acerca do que elas pensavam ser a coragem, concluindo que esta implicava sacrifício, risco e a superação do medo face a um objetivo nobre.

Em Portugal, Barros (2010b, p. 18) realizou um estudo pioneiro acerca da coragem no qual, usando a metodologia implícita, procurou “mais (...) do que tentar compreender em que consiste a coragem e as atitudes/ações que a caracterizam, (...) saber por que razão as pessoas (hoje) são mais ou menos corajosas, no sentido de poder potenciar esta grande virtude, necessária para o indivíduo e para a sociedade”. A par, o autor inquiriu os participantes sobre quem é o mais corajoso: se o homem ou a mulher; se o jovem, o adulto ou o idoso; e se as pessoas religiosas ou não religiosas. Da sua investigação, Barros pôde identificar algumas categorias e sub-categorias sobre o conceito de coragem, as atitudes/ações corajosas e as razões de falta de coragem e verificar que não existem diferenças consideráveis quanto à idade e ao sexo na caracterização da pessoa mais corajosa. Contudo, as pessoas religiosas são consideradas as mais corajosas.

O presente estudo situa-se no seguimento da investigação supra-referida, pretendendo, antes de mais, ser também ele um contributo para a escassa literatura existente no âmbito da coragem, nomeadamente em Portugal, uma vez que esta virtude

humana é muito mais, vulgarmente, expressa na vida do indivíduo do que se pensava há algum tempo atrás (Lopez *et al.*, 2003).

Ambiciona-se explorar as perceções, representações e significações que os indivíduos conferem à coragem, permitindo recolher informações sobre as dimensões significativas que suportam a sua conceptualização, identificar quais os tipos de ações corajosas que são mais valorizados, e tentar perceber que importância ganha a coragem na vida de cada um. Em simultâneo, procura-se investigar a existência de diferenças em função da idade e do género.

Perante as dificuldades na tentativa de definir a coragem, esta investigação visa, ainda, contribuir para a construção de um *corpus* de operacionalização da coragem enquanto construto empírico, de forma a fornecer algumas pistas para a elaboração de um instrumento de medida, uma vez que o desenvolvimento de escalas breves sobre a coragem encontra-se, ainda, na sua fase inicial (Snyder e Lopez, 2007).

Tendo em conta o que foi dito anteriormente, as questões que orientam esta investigação são:

- 1- Que perceção têm as pessoas sobre a coragem?
- 2- Que tipologias de coragem são mais valorizadas pelos sujeitos?
- 3- Como é que a coragem é representada nas diferentes vivências? Que significados os indivíduos lhe atribuem?
- 4- Existem padrões na forma como a coragem é representada, sendo estes definidos pela idade ou género?

Tratando-se de um estudo exploratório, pretende-se assim levantar questões acerca de um tema pouco estudado, e que assume o carácter de investigação transversal visto que compara dados obtidos com metodologias equivalentes junto de grupos de participantes de diferentes idades.

1.2. Participantes

Neste estudo foram utilizadas três amostras não probabilísticas por conveniência que, no seu conjunto, perfazem um total de 152 participantes. Uma das amostras é constituída por 60 jovens, dos quais 24 são do sexo masculino (40,0%) e 36 são do sexo feminino (60,0%), que cursam o 11º e o 12º anos de escolaridade ($M = 17,83$; $DP = 1,06$), numa escola profissional do Norte do País. Outra amostra é composta por 47

adultos, 20 homens (42,6%) e 27 mulheres (57,4%), com idades compreendidas entre os 35 e os 49 anos ($M = 42,68$; $DP = 4,08$), frequentando, na sua maioria, dois Centros de Novas Oportunidades de V. N. de Gaia. Ainda, uma outra engloba 45 idosos, dos quais 18 são do sexo masculino (40,0%) e 27 são do sexo feminino (60,0%). Estes sujeitos pertencem a um Centro Social de V. N. de Gaia ou estudam numa Universidade Sénior do distrito do Porto, tendo idades compreendidas entre os 65 e os 89 anos ($M = 77,16$; $DP = 6,78$).

Caracterizando os participantes quanto às suas habilitações literárias, verifica-se que os jovens, como referido anteriormente, frequentam o 11º e o 12º anos de escolaridade. Relativamente aos adultos, grande parte dos indivíduos possuem o 9º ano de escolaridade (46,8%), 23,4% completaram o 6º ano, 14,9% possuem um bacharelato ou uma licenciatura, 10,6% têm o 4º ano, e somente 4,3% completaram o 12º ano. No grupo de idosos, a maioria das pessoas são analfabetas ou completaram o ensino primário (37,8%), 8,9% têm o 9º ano de escolaridade ou possuem um bacharelato ou uma licenciatura, 4,4% completaram o ensino secundário, e apenas 2,2% têm o 6º ano de escolaridade.

No que diz respeito ao estado civil, a maioria dos sujeitos adultos são casados (66,0%), 14,9% estão divorciados, 12,8 % são solteiros, 4,3% vivem em união de facto e uma pessoa não respondeu. No grupo dos idosos, verifica-se que os indivíduos são, maioritariamente, viúvos (44,4%) ou casados (40,0%), 8,9% divorciaram-se, 4,4% são solteiros e apenas 2,2% vivem em união de facto.

1.3. Instrumento

Jodelet (1989) considera o inquérito como o método mais adequado para a recolha de informação sobre o processo de significação, em termos do conteúdo e da natureza das representações.

Como tal, a recolha de dados foi feita através da utilização de um instrumento, construído para o efeito, composto por duas partes. A primeira parte é constituída por questões fechadas relativas à caracterização das amostras, assegurando a recolha de dados acerca de algumas variáveis sócio-demográficas como a idade, o género, a escolaridade e o estado civil (sendo as duas últimas variáveis dirigidas somente para os grupos de adultos e de idosos). Na segunda parte, os indivíduos são confrontados com perguntas abertas (em estilo semi-projetivo) ou mistas de modo a permitir uma maior

colheita de informação sobre a temática deste estudo (cf. Anexos 1 e 2). Mais concretamente, a utilização de questões abertas prende-se com o facto de estas, ao criarem a possibilidade de os sujeitos poderem apresentar algumas respostas livres sem terem que se restringir às categorias pré – definidas pela investigadora, possibilitarem o aparecimento de um vasto conjunto de respostas possíveis que poderão reproduzir, de forma mais exata, as ideias mais relevantes para os participantes sobre o tema em questão (Triadó, Villar, Solé, Osuna e Celdrán, 2006).

1.4. Procedimento

Numa fase inicial, e tendo em consideração a constituição das amostras, optou-se por contactar instituições que pudessem ser frequentadas pelos participantes, dada a facilidade em recolher o maior número de dados, num curto espaço de tempo. A escolha de tais instituições derivou da sua proximidade geográfica com a investigadora, sendo estas, posteriormente, contactadas por via eletrónica e/ou pessoalmente. Neste primeiro contacto, procurou-se explicar o contexto do estudo, bem como os seus principais objetivos, solicitando a autorização para a colheita de dados nas respetivas instituições.

Após o contacto com os responsáveis das instituições e as devidas autorizações obtidas, procedeu-se à aplicação dos questionários. Esta dividiu-se em duas etapas: a apresentação dos objetivos do estudo e a solicitação da participação dos indivíduos, enfatizando o seu anonimato; e a administração do questionário propriamente dito.

No que diz respeito aos grupos de jovens e adultos, os questionários foram administrados em contexto de aula, enquanto que os idosos preencheram-nos nas respetivas instituições que frequentavam. Todavia, importa salientar que, contrariamente ao que aconteceu com o grupo de idosos em que a investigadora ficou responsável por os inquirir, esta não pôde estar presente na aplicação dos questionários aos jovens e aos adultos, devido à imposição das instituições em questão. Por isso, e de forma a assegurar uma maior uniformidade no procedimento adotado, a investigadora optou por reunir com os professores responsáveis com o intuito de lhes fornecer instruções precisas para a recolha dos dados.

Ainda, os questionários que não foram respondidos no âmbito das organizações, foram selecionados usando o método “bola de neve”, tendo, no entanto, recebido as mesmas indicações.

De forma a tratar os dados recolhidos, procedeu-se à análise de conteúdo através da construção de grelhas de codificação, com base no quadro de referência teórico adotado ou na adequação ao material obtido.

Para Bardin (2004, p. 37), a análise de conteúdo consiste num “... conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”. Esta análise possui duas funções que podem coexistir de forma complementar: uma função heurística, isto é, procura enriquecer a pesquisa exploratória por meio do aumento da propensão à descoberta e do potenciar do aparecimento de hipóteses sobre um tema pouco explorado; e uma função de administração da prova que é útil para a verificação de hipóteses levantadas sob a forma de questões ou de afirmações provisórias.

Tal como é proposto pela autora, a análise de conteúdo realizada dividiu-se por três etapas: a pré – análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

A pré – análise consistiu, primeiramente, na organização do material empírico, ou seja, na constituição do *corpus* onde todas as respostas recolhidas pela aplicação do questionário foram incluídas, com exceção para aquelas que se mostraram inadequadas perante a pergunta colocada ou cuja questão não foi respondida. De seguida, realizou-se uma primeira leitura de todos os questionários de modo a elaborar um esboço preliminar das áreas temáticas e do sistema de categorias que poderia ser utilizado – a “leitura flutuante”.

Na exploração do material, procedeu-se à codificação do mesmo, isto é, “... ao processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo.” (Holsti, 1969; *cit in* Bardin, 2004, p. 97). Para tal, utilizou-se como *unidade de registo* – a ideia, e como *unidade de enumeração* – a frequência. Relativamente aos sistemas de categorias definidos, estes foram construídos através da combinação de categorias definidas *a priori* (nomeadamente na segunda questão) e *a posteriori* (para as primeira e terceira perguntas).

É de realçar que, na formulação das categorias, a investigadora procurou que cada uma delas avaliasse aspetos diferentes, assegurando-se de que todas as respostas obtidas poderiam ser colocadas em, pelo menos, uma das categorias (e daí ter resultado

a definição da categoria “outros”, unicamente na questão 2, devido à grelha de codificação ter sido construída a partir do quadro de referência teórico). Ainda, na segunda pergunta, o número de respostas por categoria poderá ser superior ao número total de participantes uma vez que, nesta questão, foi sugerida a enunciação de algumas ações corajosas, logo, cada ação foi considerada como *unidade de registo*.

2. Resultados

Como já foi referido anteriormente, a metodologia de análise usada para a presente investigação foi a análise de conteúdo uma vez que, pela existência de uma infinidade de dados, havia a necessidade de, por um lado, obter-se uma sistematização mais prática destes e, por outro lado, com um maior significado empírico. Tal sistematização, conduziu à produção indutiva de um conjunto de categorias que são, nada mais, do que potenciais dimensões que representam os «objetos» do estudo. Devido a constrangimentos quanto ao número limite de páginas desta dissertação, as grelhas de codificação para cada questão semi-projetiva são apresentadas em anexo. Nestas, serão exibidas as listas das categorias construídas bem como as suas definições, e as sub-categorias, os indicadores e exemplos das unidades de registos correspondentes (cf. Anexo 3).

De seguida, apresentam-se, para cada uma das frases incompletas, os resultados da codificação das respostas dos sujeitos inquiridos, em relação a cada uma das categorias bem como as frequências relativas. Importa salientar que quantas mais vezes surgir uma determinada ideia nas respostas dos participantes, maior significado esta terá (Vala, 1986).

2.1. Definição de coragem

No que diz respeito à definição de coragem e, a partir da leitura das respostas, pôde-se deduzir nove categorias:

- Perspetiva: O que se verifica é que a grande maioria dos participantes, sejam estes jovens, adultos ou idosos ($n= 58$; $n=46$; $n=44$, respetivamente), têm uma perspetiva positiva sobre a coragem, percecionando-a como uma qualidade/virtude, o gatilho para o indivíduo agir e o que o leva a alcançar os resultados desejados. Apenas 3

sujeitos (1 jovem, 1 adulta e 1 idoso) entendem a coragem numa valência negativa, considerando que esta conduz a atos irrefletidos e que pode ter consequências graves.

- Expressão: Relativamente aos jovens, observa-se que os rapazes referem, maioritariamente, a coragem como uma cognição ($n=13$), sendo que 7 consideram-na um comportamento e, somente, 3 caracterizam-na como uma emoção. As raparigas posicionam-se de modo idêntico. Ou seja, grande parte das raparigas afirma que a coragem traduz-se numa cognição ($n=17$), enquanto que 12 entendem que esta manifesta-se num comportamento, e apenas 5 referem-na como uma emoção.

Quanto aos adultos, verifica-se que tanto os homens como as mulheres classificam, na sua maioria, a coragem como um comportamento ($n=12$; $n=17$, respetivamente). Porém, há uma maior proporção de homens a referir a coragem como uma cognição ($n=5$) do que uma emoção ($n=2$) e, inversamente, uma maior quantidade de mulheres a considerá-la uma emoção ($n=7$) do que um comportamento ($n=3$).

Nos idosos, os homens referem, equitativamente, que a coragem exprime-se numa emoção ($n=6$), numa cognição ($n=6$) e num comportamento ($n=6$). Por seu lado, a maioria parte das mulheres afirmam que a coragem traduz-se num comportamento ($n=11$) enquanto que 9 caracterizam-na como uma emoção e 7 consideram-na uma cognição.

- Objeto: De uma forma geral, observa-se que esta dimensão é pouco referenciada pelos participantes e, por isso, as diferenças entre eles são bastante pequenas.

Nos jovens, apenas, 14 pessoas a indicaram. Destas, 3 rapazes e 3 raparigas afirmam que o objeto da coragem é o “outro”, enquanto que 2 rapazes e 6 raparigas mencionam como objeto o “eu”.

No que diz respeito aos adultos, obtiveram-se 10 *unidades de registo*. Os homens referem o egocentrismo ($n=4$), ao passo que, as mulheres dividiram-se, de forma semelhante, pelo altruísmo ($n=3$) e egocentrismo ($n=3$).

Quanto aos idosos, só 8 pessoas consideraram esta dimensão. Nos homens, o altruísmo foi referido 2 vezes e o egocentrismo apenas 1 vez. Nas mulheres, 3 indicam o altruísmo e 2 relatam o egocentrismo.

- Propósito: Em relação aos jovens, verifica-se uma predominância, tanto nos rapazes como nas raparigas, quanto à perceção da coragem como um mecanismo de mudança ($n=13$; $n=20$, respetivamente). No sentido oposto, 9 rapazes e 14 raparigas compreendem-na como um mecanismo de defesa.

Relativamente ao grupo de adultos, observa-se que a maioria dos participantes, sejam eles homens ($n=11$) ou mulheres ($n=16$), entendem a coragem como um mecanismo de defesa. Em contrapartida, 7 homens e 11 mulheres encaram-na como um mecanismo de mudança.

Nos idosos, a prevalência situa-se na perceção da coragem como um mecanismo de defesa (16 homens e 25 mulheres). Somente 1 homem e 2 mulheres compreendem-na como um mecanismo de mudança.

- Reforço: Nesta categoria, verifica-se que apenas algumas pessoas a indicaram.

No grupo de jovens, tanto os rapazes ($n=7$) como as raparigas ($n=14$) referem a afirmação pessoal como a consequência positiva da coragem, sendo que somente 1 rapaz indica o reconhecimento/aceitação pela sociedade.

Quanto aos adultos, a afirmação pessoal é, novamente, a mais frequente (6 homens e 7 mulheres) enquanto que 2 homens e 1 mulher relatam o reconhecimento/aceitação social.

Nos idosos, observa-se a predominância da afirmação pessoal, quer nos homens ($n=4$), quer nas mulheres ($n=8$), em detrimento, do reconhecimento/aceitação social. A última sub-categoria foi referenciada por, apenas, 1 homem e 3 mulheres.

- Modus operandi: Para a grande maioria dos jovens (21 rapazes e 35 raparigas), verifica-se que a coragem aparece sob a forma de desafio, contudo, 1 rapaz caracteriza-a como disponibilidade. O mesmo acontece para os adultos, isto é, tanto nos homens ($n=19$) como nas mulheres ($n=25$), sendo que apenas 2 mulheres referem que a coragem surge sob a forma de disponibilidade.

Quanto aos idosos, apesar de grande parte dos homens ($n=11$) e das mulheres ($n=15$) indicarem o desafio como a forma mais comum da coragem, 7 homens e 10 mulheres percecionam-na como a procura pela revitalização. Ainda, 2 mulheres mencionam a disponibilidade.

- Desenvolvimento: Nesta categoria, é de referir que o número de participantes que a mencionou é escasso, logo, as frequências não são indicativas.

Relativamente aos jovens, observa-se que apenas 1 rapaz considera a coragem como algo adquirido e 3 raparigas definem-na como algo inato. Nos adultos, 1 homem e 1 mulher percecionam a coragem como algo inato e 1 homem menciona que esta é adquirida. No grupo dos idosos, apenas 1 homem refere a coragem como inata.

- Dimensão: No que diz respeito aos jovens, verifica-se que os rapazes mostram-se divididos, quase equitativamente, na percepção da coragem como universal ($n=11$) ou como elitista ($n=10$). Por sua vez, as raparigas consideram, na sua maioria, a coragem como algo que está presente em todas as pessoas ($n=29$) e, apenas, 4 caracteriza-a como pertencente a uma elite.

Em relação aos adultos, observa-se uma predominância, tanto nos homens como nas mulheres, quanto à referência à coragem como algo universal ($n=14$; $n=19$, respetivamente). No sentido oposto, 4 homens e 1 mulher compreendem-na como elitista.

Quanto aos idosos, a percepção da coragem como universal é, novamente, a mais frequente (15 homens e 26 mulheres) enquanto que 3 homens e 1 mulher definem-na como elitista.

- Enfoque do discurso: Nos jovens, observa-se que uma parte significativa de rapazes ($n=19$) e de raparigas ($n=35$) proferem uma resposta idiossincrática, ao passo que, apenas, 3 rapazes centram a coragem na relação com o outro. Nos adultos, a maioria dos sujeitos, sejam eles homens ($n=19$) ou mulheres ($n=26$), adotam um discurso idiossincrático, enquanto que, somente 1 homem e 1 mulher direcionam o foco da coragem para a relação com o outro. Nos idosos, todas as respostas são idiossincráticas ($n=45$).

2.2. Tipologias de coragem

Em relação à codificação das ações que os participantes indicaram como mais corajosas, optou-se por utilizar o quadro de referência teórico, particularmente, os critérios de classificação. Assim, cinco categorias foram consideradas:

- Natureza do risco: Em relação ao grupo de jovens, observa-se que os rapazes referem com maior frequência a coragem moral ($n=6$) e a coragem física ($n=5$), sendo que apenas 3 rapazes mencionam a coragem vital. Inversamente, as raparigas salientam a coragem vital ($n=11$), seguindo-se a coragem física ($n=7$) e a coragem moral ($n=7$).

Quanto aos adultos, verifica-se que os homens privilegiam a coragem física ($n=10$) e a coragem vital ($n=9$), em detrimento, da coragem moral ($n=1$). Por sua vez, as mulheres enunciam, mais frequentemente, a coragem vital ($n=10$), sendo seguida pela coragem física ($n=4$) e, por fim, a coragem moral ($n=2$).

Nos idosos, constata-se que tanto os homens ($n=10$) como as mulheres ($n=13$) indicam, maioritariamente, a coragem vital, sendo que 5 homens e 3 mulheres consideram a coragem física e, apenas, 1 homem faz referência à coragem moral.

- Objetivo + contexto: Relativamente aos jovens, verifica-se que há uma predominância da coragem social (7 rapazes e 15 raparigas) e que a coragem no trabalho e a coragem familiar são citadas por 2 rapazes e 2 raparigas, respetivamente. Nos adultos, a coragem social aparece, igualmente, como a mais frequente, sendo mencionada por 11 homens e 12 mulheres. Existe, ainda, a referência à coragem no trabalho por 1 homem e à coragem familiar por 1 mulher. No grupo de idosos, homens e mulheres referem a coragem social e familiar, embora, em proporções diferentes. Os homens relatam 5 vezes a coragem social e, apenas, 2 vezes a coragem familiar. Por seu lado, as mulheres enunciam 11 vezes a coragem social e 1 só vez a coragem familiar.

- Contexto: Esta categoria compreende, unicamente, a classificação das ações que consistem na ajuda ao próximo.

Nos jovens, observa-se que os rapazes citam 5 vezes a coragem civil e 2 vezes a coragem decorrente da profissão. Nas raparigas, as frequências são mais indicativas uma vez que 13 mencionam a coragem civil e, somente, 4 indicam a coragem decorrente da profissão.

Nos adultos, verifica-se que 9 homens referem a coragem civil e 6 enunciam a coragem decorrente da profissão. As mulheres posicionam-se de forma idêntica, isto é, 8 participantes indicam a coragem civil e 4 mencionam a coragem decorrente da profissão.

Nos idosos, todas as respostas recaem sobre a coragem civil ($n=17$).

- Forças de carácter: No que diz respeito aos jovens, constata-se que os rapazes salientam todas as forças de carácter, porém, em proporções diferentes: *valor* ($n=9$), *autenticidade* ($n=7$), *perseverança* ($n=3$) e *entusiasmo/gosto de viver* ($n=1$). As raparigas também as referem, todavia, as mais frequentes são o *valor* ($n=18$) e a *perseverança* ($n=11$), seguindo-se a *autenticidade* ($n=6$) e o *entusiasmo/gosto de viver* ($n=1$).

Para a maioria dos adultos, o *valor* surge como a força de carácter mais mencionada (16 homens e 12 mulheres), sendo que a *autenticidade* é citada por 1 homem e 4 mulheres e a *perseverança* é enunciada por 1 homem e 2 mulheres.

Quanto ao grupo de idosos, observa-se que estes se encontram divididos, quase equitativamente, pelo *valor* (8 homens e 9 mulheres) e pela *perseverança* (7 homens e 7 mulheres). Existem, ainda, 3 homens e 1 mulher que referem o *entusiasmo/gosto de viver* e 1 homem e 1 mulher que indicam a *autenticidade*.

- Outros: Esta dimensão comporta as respostas que não puderam ser classificadas devido à não concordância com os critérios supra-citados. Estas são: ser mãe/ser pai (2 raparigas, 1 homem adulto e 2 mulheres adultas), dar á luz (1 homem adulto); saber perdoar (1 idosa) e dar amor (1 idosa).

Importa salientar que, além de 3 participantes não terem respondido a esta pergunta, pôde-se constatar que poucas respostas foram passíveis de serem codificadas em todas as categorias definidas com base na literatura.

2.3. Importância da coragem

Relativamente à importância que a coragem adquire na vida dos participantes, foi possível deduzir-se nove categorias:

- Resposta à necessidade: Relativamente aos jovens, observa-se que os rapazes referem, maioritariamente, a coragem como uma resposta às necessidades de crescimento ($n=10$), sendo que 7 consideram-na como uma resposta às necessidades de existência e, somente, 2 caracterizam-na como uma resposta às necessidades de relacionamento. As raparigas posicionam-se de modo idêntico. Ou seja, grande parte das raparigas afirma que a coragem conduz à satisfação das necessidades de crescimento ($n=28$), enquanto que 7 entendem que esta leva à satisfação das necessidades de existência, e apenas 1 refere-a como uma resposta às necessidades de relacionamento.

Quanto aos adultos, verifica-se que tanto os homens como as mulheres afirmam, na sua maioria, que a coragem leva à satisfação das necessidades de crescimento ($n=9$; $n=17$, respetivamente). Porém, há uma maior proporção de homens a referir a coragem como uma resposta às necessidades de existência ($n=4$) do que às de relacionamento ($n=1$), enquanto que as mulheres repartem-se, de forma idêntica, ao considerá-la como uma resposta às necessidades de relacionamento ($n=3$) ou às de existência ($n=2$).

Nos idosos, os homens referem, maioritariamente, que a coragem leva à satisfação das necessidades de crescimento ($n=9$), seguindo-se as de existência ($n=5$) e as de

relacionamento ($n=1$). As mulheres posicionam-se de modo semelhante. Ou seja, grande parte das mulheres afirma que a coragem é uma resposta às necessidades de crescimento ($n=15$), ao passo que 8 relatam-na como uma resposta às necessidades de existência e 1 às de relacionamento.

- Génese: Para a maioria dos jovens (19 rapazes e 35 raparigas), verifica-se que a coragem é entendida como um traço de personalidade, contudo, 4 rapazes e 1 raparigas caracterizam-na como um estado. O mesmo acontece para os adultos, tanto nos homens ($n=19$) como nas mulheres ($n=23$), sendo que apenas 4 mulheres referem-se à coragem como um estado. Quanto aos idosos, estes apresentam resultados idênticos. Assim, grande parte dos homens ($n=14$) e das mulheres ($n=25$) afirmam que a coragem é um traço de personalidade, e apenas 2 homens e 2 mulheres consideram-na como um estado.

- Contexto: Em relação aos jovens, observa-se que os rapazes associam, maioritariamente, a coragem ao microssistema ($n=14$), sendo que 4 referem o macrosistema, 2 mencionam o mesossistema e outros 2 relacionam-na com o exossistema. Por seu lado, grande parte das raparigas afirmam que a coragem está associada ao microssistema ($n=30$), enquanto que 5 entendem que esta se manifesta no exossistema e apenas 1 refere o mesossistema.

Quanto aos adultos, verifica-se que tanto os homens como as mulheres relacionam, na sua maioria, a coragem ao microssistema ($n=15$; $n=24$, respetivamente). Mais concretamente, nos homens, há 3 sujeitos a associar a coragem ao macrosistema e somente 1 indivíduo a associá-la ao exossistema. Nas mulheres, constata-se que 2 participantes indicam o exossistema e 1 menciona o mesossistema.

Nos idosos, a associação entre a coragem e o microssistema é, também, a mais frequente quer nos homens ($n=15$), quer nas mulheres ($n=23$). Dos restantes participantes, 2 homens e 3 mulheres indicam o exossistema, e apenas 1 mulher relata o mesossistema.

- Vivência: No grupo de jovens, verifica-se que tanto os rapazes ($n=15$) como as raparigas ($n=30$) referem uma importância diacrónica da coragem, ao passo que 8 rapazes e 5 raparigas afirmam que esta ganha importância em momentos esporádicos.

Quanto aos adultos, a importância da coragem no decurso da vida é, novamente, a mais frequente (14 homens e 21 mulheres), sendo que 5 homens e 6 mulheres relatam a sua significância pontual.

Nos idosos, observa-se, mais uma vez, a predominância do significado da coragem em toda a vida, quer nos homens ($n=15$), quer nas mulheres ($n=24$), em detrimento, da sua importância esporádica. A última sub-categoria foi referenciada por, apenas, 2 homens e 3 mulheres.

- Sentido da ação: No que diz respeito aos jovens, constata-se que os rapazes consideram, na sua maioria, a estagnação/resistência como o sentido de ação corajosa ($n=10$) e 7 referem a mudança/persistência. Por sua vez, as raparigas mostram-se divididas, quase equitativamente, na assumpção da estagnação/resistência ($n=14$) ou da mudança/persistência ($n=13$) como o sentido da ação corajosa.

Em relação aos adultos, observa-se que 8 homens indicam a estagnação/resistência e 5 a mudança/persistência. Inversamente, 11 mulheres mencionam a mudança/persistência e 9 a estagnação/resistência.

Quanto aos idosos, a estagnação/resistência foi o sentido de ação mais frequente (14 homens e 17 mulheres), sendo que apenas 1 homem e 5 mulheres indicam a mudança/persistência.

- Abstração: Para a maioria dos jovens (18 rapazes e 35 raparigas), verifica-se que a coragem é entendida como algo objetivamente observável, contudo, 5 rapazes e 1 rapariga relatam uma representação idílica desta. O mesmo acontece para os adultos, tanto nos homens ($n=14$) como nas mulheres ($n=25$), sendo que apenas 5 homens e 2 mulheres referem o idealismo.

Quanto aos idosos, grande parte dos homens ($n=17$) e das mulheres ($n=25$) indicam uma representação real da coragem, e somente 2 mulheres representam-na de forma idílica.

- Focus: O que se verifica é que a grande maioria dos participantes, sejam estes jovens, adultos ou idosos ($n=57$; $n=44$; $n=43$, respetivamente), centram a sua resposta na população em geral. Apenas 4 indivíduos (1 jovem, 1 homem adulto e 1 mulher adulta e 1 idoso) referem a importância da coragem para o *self*.

- Feedback: No que diz respeito aos jovens, constata-se que os rapazes mencionam, maioritariamente, a auto-eficácia ($n=19$), e, somente, 4 indicam o auto-conceito. As raparigas, na sua maioria, consideram a auto-eficácia ($n=25$), contudo, 6 enunciam a autoestima e 4 o auto-conceito.

Quanto aos adultos, verifica-se que grande parte dos sujeitos, quer homens ($n=10$), quer mulheres ($n=18$) citam a auto-eficácia. Além disso, o auto-conceito é indicado por 2 homens e 4 mulheres e a autoestima é referida por, apenas, 1 homem e 3 mulheres.

Nos idosos, os homens mencionam, mais frequentemente, a auto-eficácia ($n=12$), sendo que apenas 4 indicam a autoestima. Igualmente, a maioria parte das mulheres refere a auto-eficácia ($n=15$). Todavia, 6 idosas consideram o auto-conceito e 4 a autoestima.

▪ Valor: Nos jovens, observa-se que uma parte significativa de rapazes ($n=19$) e de raparigas ($n=35$), representam a coragem como um valor estrutural, sendo que apenas 4 rapazes e 1 rapariga consideram-na como um valor disruptivo. Nos adultos, a maioria dos sujeitos, sejam eles homens ($n=15$) ou mulheres ($n=24$), referem a coragem como um valor estrutural, enquanto que 4 homens e 3 mulheres afirmam que esta está presente em algumas pessoas. Nos idosos, quase todas as respostas indicam que a coragem é um *valor próprio da existência humana* ($n=41$), à exceção de 3 mulheres que mencionam-na como um valor disruptivo.

É de realçar que 2 pessoas não responderam à questão.

2.4. «Padrões» de coragem

As últimas três questões do inquérito foram construídas com o intuito de se averiguar a potencial existência de padrões no modo como indivíduos, pertencentes a um determinado grupo sócio-demográfico, representam culturalmente a coragem. Através de um “questionamento dirigido”, os participantes puderam identificar: 1) a «dimensão» da coragem, na medida em que esta traduz um fenómeno mais ou menos extensivo¹; 2) o *género-tipo* a que, normalmente, se encontra associada a pessoa corajosa²; e, 3) o *grupo etário-tipo* da pessoa corajosa³.

Seguidamente, serão apresentados os resultados obtidos para as amostras da presente investigação, passando-se, num segundo momento, à identificação das principais diferenças resultantes do entrosamento das três dimensões com as duas variáveis principais do estudo – género e grupo etário.

¹ No questionário, a pergunta correspondente era: “Considera que há muitas ou poucas pessoas corajosas?”

² No questionário, a pergunta correspondente era: “Quem é mais corajoso: o homem ou a mulher?”

³ No questionário, a pergunta correspondente era: “Quem é o mais corajoso: o jovem, o adulto ou o idoso?”

- «Dimensão» da coragem: A partir da leitura das respostas, inferiu-se sobre a frequência de uma resposta não sugerida na questão (e.g. “todos”) pelo que, a opção passou por incluí-la na codificação das respostas dos sujeitos. Assim, das 117 respostas validadas, a maioria dos sujeitos (53,8%) considera que existem poucas pessoas corajosas, sendo que 41 sujeitos (35,0%) considera o oposto, ou seja, que existem muitas pessoas corajosas e apenas 13 sujeitos (11,1%) admite que todas as pessoas são corajosas.

- Género-tipo da pessoa corajosa: Neste domínio, o objetivo consistia na identificação de potenciais atribuições de género ao fenómeno da coragem. Neste tópico, e tal como já tinha acontecido na dimensão anterior, ocorreu o aparecimento de uma resposta não sugerida na questão formulada – *ambos* –. Assim sendo, das 116 respostas validadas, 56 dos sujeitos (48,3%) assumem que homem e mulher (e.g. “ambos”) são igualmente corajosos e 60 sujeitos (51,7%) apresentam a assumpção de uma preferência de género, em que as mulheres são consideradas mais corajosas (39,7%) do que os homens (12,1%).

- Grupo etário-tipo da pessoa corajosa: Desde já, é de referir que a tendência para a não-assumpção de uma das possibilidades disponibilizadas manteve-se para esta dimensão, traduzindo-se no aparecimento da resposta “todos”. Neste sentido, com 123 respostas validadas, o grupo etário das pessoas idosas ofereceu uma maior preferência (30,1%), seguindo-se as pessoas mais jovens (29,3%), a resposta que assume que todas as pessoas são corajosas (22,8%) e, por fim, são os adultos os que menos preferências reúnem (17,9%).

2.4.1. Descrição da relação entre as dimensões e as variáveis grupo etário e género

Importa lembrar que, atendendo às características do estudo e à natureza das variáveis (i.e. qualitativas), o estudo principal consistiu na análise de conteúdo. Todavia, é possível quantificar as respostas pela frequência e/ou percentagens. Pode, assim, usar-se o teste do *Qui-Quadrado* que permite descrever potenciais relações entre as categorias das duas variáveis (e.g. relações de dependência entre as variáveis). De seguida, serão apresentados os resultados mais importantes para todas as relações analisadas, realçando-se que, apenas, as relações «género do sujeito *x* género-tipo da pessoa corajosa» e «grupo etário do sujeito *x* grupo etário-tipo da pessoa corajosa» revelam interesse estatístico.

2.4.1.1. Dimensão da coragem

a) Relação com o grupo etário

Não podendo, para este caso, o teste de *Qui-Quadrado* ser aplicado⁴, reportam-se apenas os resultados do cruzamento das duas variáveis, com a assumpção do princípio de que não existe uma relação dependente entre as duas. Quer para os jovens, quer para os idosos, a resposta mais frequente é aquela que afirma a existência de poucas pessoas corajosas (58,1% e 63,2%, respetivamente), tendo em contrapartida, a maioria dos adultos assumido a existência de muitas pessoas corajosas (41,7%). Ainda, importa salientar que nenhum idoso refere que todas as pessoas são corajosas (cf. Gráfico 1).

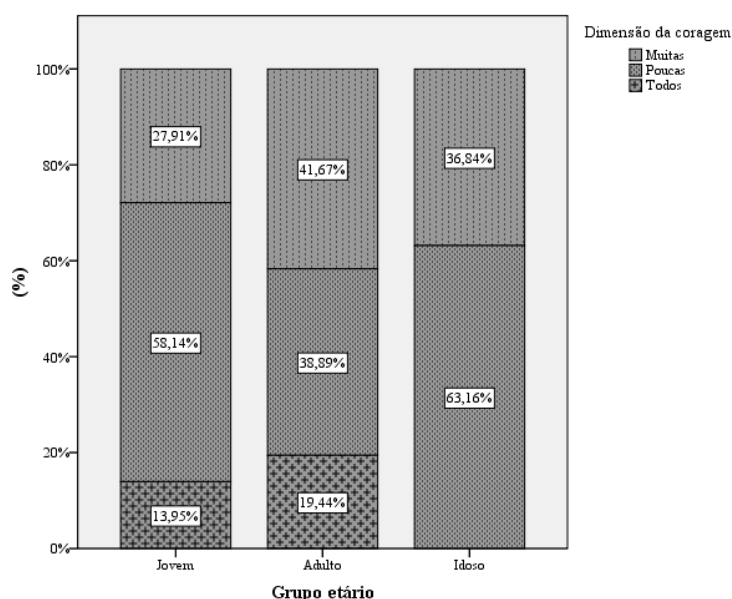


Gráfico 1. Frequência das respostas para a categoria *dimensão da coragem* por grupo etário.

b) Relação com o género

Neste item, verifica-se que não existe uma relação de dependência entre as variáveis *dimensão da coragem* e o género ($\chi^2 = .829$; $p=.661$)⁵, isto é, não faz sentido

⁴ 33,3% das células (>20%) têm frequência esperada inferior a 5. O teste Qui-Quadrado não reúne as condições de aplicabilidade para este caso.

⁵ V de Cramer=.084; $p=.661$

falar numa predisposição dos indivíduos, definida pelo género, para um tipo de resposta para esta dimensão. É de salientar, no entanto, que: (1) para os sujeitos do sexo masculino, a maioria (59,1%) assume que existem poucas pessoas corajosas, seguindo-se 14 daqueles que, por outro lado, afirmam haver muitas pessoas corajosas (31,8%) e apenas 4 acreditam que todas as pessoas são corajosas (9,1%); (2) para os sujeitos do sexo feminino, a sua larga maioria (50,7%) assume que existem poucas pessoas corajosas, 27 mulheres acreditam haver muitas pessoas corajosas (37,0%) e apenas 9 mulheres (12,3%) assumem que todas as pessoas são corajosas, confirmando a tendência de resposta dos sujeitos do sexo masculino.

2.4.1.2. *Género-tipo da pessoa corajosa*

a) Relação com o grupo etário

Não havendo lugar para se inferir sobre esta relação já que o teste não reuniu as condições de aplicabilidade⁶, apresentam-se muito resumidamente os principais resultados obtidos. Se, quer os jovens, quer os adultos, inclinam-se para a resposta «ambos» (61,9% dos jovens e 60,0% dos adultos), não revelando uma preferência de género, os idosos, por sua vez, revelam uma tendência para assumpção da «mulher» como sendo a pessoa mais corajosa (61,5% dos idosos). Por fim, independentemente do grupo etário a que o sujeito pertença e se não se considerarem as respostas «ambos», a tendência fica clara – da preferência da «mulher» como o *género-tipo da pessoa corajosa* (cf. Gráfico 2).

⁶ 22,2% das células (>20%) têm frequência esperada inferior a 5. O teste Qui-Quadrado não reúne as condições de aplicabilidade para este caso.

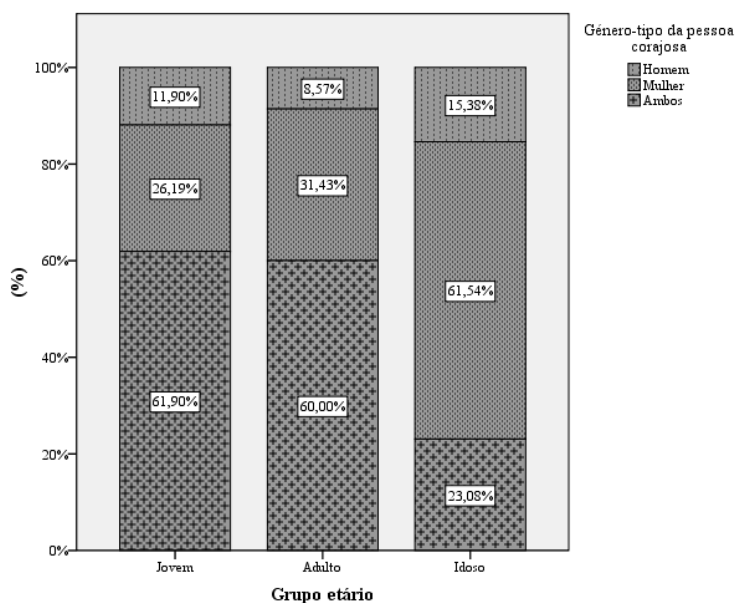


Gráfico 2. Frequência das respostas para a categoria *gênero-tipo da pessoa corajosa* por grupo etário.

b) Relação com o gênero

Tal como havia sido referido na introdução deste capítulo, a aplicação do teste revelou a existência de uma relação de dependência entre as duas variáveis ($\chi^2 = 9.387$; $p=.009$). No entanto, ainda que significativa, a relação é relativamente fraca (V de Cramer= .284; $p=.009$), sendo a associação mais clara, a que ocorre entre cada um dos grupos de gênero, masculino ($Res= -7.2$) e feminino ($Res= 7.2$), e a escolha da mulher como *gênero-tipo da pessoa corajosa*. Em suma: (1) confirma-se a tendência das mulheres acreditarem que o seu gênero é normalmente «mais corajoso», nomeadamente 50,0% delas, sendo que apenas 5 mulheres acreditam que os homens são mais corajosos (7,1%) e as restantes (42,9%) não assumem uma tendência; e (2) a expressa larga maioria dos homens não apresenta uma tendência de resposta (56,5%) e os restantes dividem-se, equilibradamente, onde 11 homens (23,9%) acreditam que as mulheres são mais corajosas⁷ e 9 acreditam pertencer ao gênero das pessoas mais corajosas (19,6%).

2.4.1.3. Grupo etário-tipo da pessoa corajosa

a) Relação com o grupo etário dos sujeitos

Aplicada a estatística não paramétrica, encontra-se a segunda relação com valor estatístico – a relação bivariada «grupo etário dos inquiridos \times grupo etário-tipo da

⁷ Ilustrado pelo valor do resíduo para esta relação ($Res=-7.2$).

pessoa corajosa» ($\chi^2=34.248$; $p<.01$). Contudo, esta relação, ainda que significativa, não é de todo forte, aproximando-se no limite ao que se pode denominar qualitativamente razoável ($V \text{ de Cramer} = .373$; $p<.001$).

Entrando no esquema das relações entre as categorias das duas variáveis, conclui-se que cada grupo etário dos participantes assume uma relação significativa com duas categorias do *grupo etário-tipo* da pessoa corajosa. Assim sendo, os «binómios» significativos são respetivamente: «*jovem x idoso*», «*jovem x todos*», «*adulto x adulto*», «*adulto x idoso*», «*idoso x idoso*» e «*idoso x todos*». Tendo em conta estes resultados, é possível agora apresentar-se uma breve síntese da distribuição das respostas por grupo, ilustrando os resultados do teste estatístico.

No que diz respeito ao grupo etário mais jovem constata-se que: 44,4% dos sujeitos, a grande maioria, entende que «*todas*» as pessoas são corajosas, o que explica a significância da associação obtida no teste ($Res=9.8$); o grupo etário dos *adultos* reúne 15,6% das respostas dos sujeitos e apenas 13,3% destas referem os *idosos* como as pessoas mais corajosas, que, por seu turno, fundamenta o “nível de significância” da associação entre as duas categorias ($Res=-7.5$); por fim, de ressaltar, que a maioria dos sujeitos que assumem uma resposta ou inclinação, considera as pessoas que se situam no seu grupo etário como sendo as mais corajosas (26,7% dos sujeitos).

Em relação ao grupo etário dos adultos, a divisão, em todo o caso, foi mais equilibrada⁸. Os *jovens* assumem a maioria das preferências dos adultos (30,8%) para o estatuto de «pessoa mais corajosa», ainda que, estatisticamente, tenha vindo a apresentar-se como mais significativa a associação das respostas dos adultos na escolha do seu homólogo ($Res=3.0$) porém, 25,6% dos inquiridos assumem acreditar na premissa. Entretanto, os *idosos* reúnem 23,1% das respostas e «*todos*» é a resposta menos frequente neste grupo (20,5%).

Por último, e não menos importante, o grupo dos *idosos* é bastante mais tendencial nas suas respostas o que, aliás, veio a ser confirmado pelo teste⁹. Em primeiro lugar, refira-se que nenhum idoso respondeu «*todos*» e só apenas cerca de 12,8% considerou que os *adultos* fossem as pessoas mais corajosas. Em segundo lugar,

⁸ Estatisticamente, o teste de Qui-Quadrado revela baixos valores para os *Resíduos* de cada binómio, mesmo os significativos.

⁹ Neste casos, os resíduos significativos foram dos binómios «*idoso x idoso*», com $Res=10.3$ e «*idoso x todos*», com $Res=-8.9$

o que acaba por ser fundamentando no resultado da aplicação do teste, é que a frequência elevada de escolhas da resposta *idoso*, não só reuniu a maioria das preferências como a absoluta maioria (56,4%).

b) Relação com o género

Após a aplicação do teste, conclui-se que não existe uma relação de dependência entre as duas variáveis ($\chi^2=1.537$; $p=.674$), ou seja, ser homem ou mulher não tem implicações sobre o grupo etário que se privilegia na definição da coragem o que, por outras palavras quer dizer que, “escolher um grupo etário quando se pensa na pessoa mais corajosa não é dependente do sexo de quem escolhe”.

É de realçar, no entanto, alguns resultados obtidos na distribuição das frequências de resposta. Com efeito, a maioria dos sujeitos do sexo masculino acredita que os «jovens» são normalmente os “mais corajosos” (30,2%), sendo que para os sujeitos do sexo feminino, por oposição, os idosos reúnem as preferências sobre o assunto (34,3%). Em suma, os resultados evidenciam um maior equilíbrio neste posicionamento (cf. Gráfico 3).

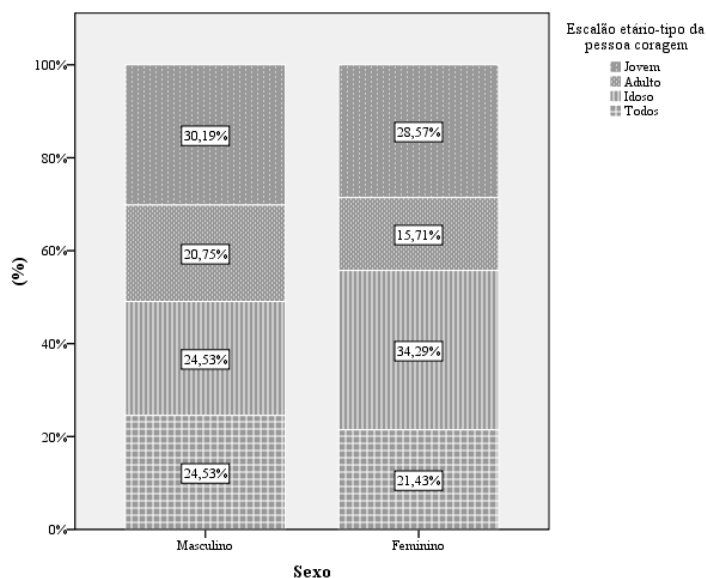


Gráfico 3. Frequência das respostas para a categoria *grupo etário-tipo da pessoa corajosa* por género.

3. Discussão

Seguidamente, procede-se à interpretação dos resultados mais significativos em função do grupo etário e do género, procurando dar resposta às questões inicialmente formuladas e, sempre que possível, fazer um paralelismo com a contextualização teórica.

3.1. *Que perceção têm as pessoas sobre a coragem?*

No que diz respeito a esta pergunta, e a partir da leitura das respostas obtidas, surgiram diversas categorias que permitem analisar diferentes aspetos que lhe estão associados.

De uma forma geral, a coragem é percecionada pela grande maioria dos participantes, independentemente do género e do grupo etário, como algo positivo, isto é, uma qualidade/virtude, o gatilho que impele o indivíduo a agir, apesar do medo, e que o leva a alcançar os resultados desejados, sejam estes objetivos/sonhos pessoais ou um objetivo digno (e.g. ajudar o próximo). Todavia, este impulso para a ação conduz, simultaneamente, a atos irrefletidos que podem ter consequências graves e, por esse motivo, alguns sujeitos evidenciaram um olhar negativo sobre a coragem.

Mas como será que esta se expressa? Aqui, os sujeitos dos vários grupos etários não são consensuais. Para a maior parte dos jovens, a coragem é entendida como uma cognição enquanto que os adultos e os idosos classificam-na como um comportamento/ação. Este resultado, por parte dos jovens, poder-se-á dever ao facto deles frequentarem um curso profissional, logo, estarem mais próximos da entrada para o mundo do trabalho, e daí que a crença nas suas capacidades torna-se fundamental para enfrentar esta nova etapa de vida. As respostas obtidas vão de encontro ao estudo de O'Byrne *et al.* (2000; *cit in* Barros, 2010a), no qual as pessoas percecionavam a coragem como uma atitude ou como um comportamento, salientando-se, também, que a componente “medo” e a componente “risco” não eram partes constituintes de todas as descrições.

Enquanto ação e, mais concretamente, na sua finalidade, a falta de consenso entre as diferentes idades é, novamente, notória. Os jovens consideram que a coragem permite-lhes prosseguir/concretizar os seus objetivos/sonhos; pelo contrário, quer os adultos, quer os idosos afirmam que esta se traduz numa reação aos obstáculos. Este aspeto pode ser explicado pelo facto dos jovens se encontrarem numa idade de

descoberta, onde, por um lado, têm acesso às múltiplas oportunidades que existem e, por outro, lhes é exigido que lutem para alcançar a mais desejada.

Quer na prossecução de objetivos, quer no confronto com obstáculos, está implícito um desafio, logo, não é de estranhar que todos os grupos etários tenham elegido como *modus operandi* da coragem o desafio. Contudo, constata-se que os idosos fazem, também, referência ao dinamismo, que pode ser justificado pela sua fase atual da vida. Nesta, os idosos são confrontados com diversas perdas, podendo o dinamismo fazer com que eles consigam lidar da melhor forma com estas ao, por exemplo, participarem em atividades sociais.

Uma outra categoria de destaque é a dimensão da coragem, em que os inquiridos mencionaram, maioritariamente, a presença desta em todos as pessoas. Porém, os rapazes destacaram, de forma idêntica, a coragem como elitista, talvez por ainda estarem na adolescência, fase em que a admiração por heróis está mais presente.

Nas categorias referentes ao objeto, ao reforço e ao desenvolvimento da coragem, não se obteve um grande número de respostas e, como tal, os resultados não são significativos. Este facto poderá indicar que estes aspetos não são tão relevantes para a definição de coragem.

Para finalizar, verifica-se que, na maioria das respostas, a coragem é percecionada como uma experiência individual.

Note-se, ainda, que os resultados não evidenciaram diferenças de género significativas para esta questão.

3.2. Que tipologias de coragem são mais valorizadas pelos sujeitos?

Nesta pergunta, optou-se por utilizar, como categorias, os critérios de classificação das ações corajosas já descritos na literatura por duas razões: a primeira prende-se com o facto dos estudiosos terem sido bem sucedidos na análise dos diferentes tipos de coragem e, como consequência, a segunda razão diz respeito à possibilidade de comparar os resultados obtidos na presente investigação com as diversas pesquisas referidas no enquadramento teórico.

Tendo como critério de classificação das ações corajosas, a natureza do risco, verifica-se que existem diferenças entre os grupos etários e entre o género, nos jovens e nos adultos. No que diz respeito aos jovens, observa-se uma prevalência da coragem física e moral nos rapazes, em oposição, à da coragem vital nas raparigas (embora

algumas delas tenham indicado a coragem física e moral). Uma observação semelhante é encontrada, nos adultos, onde as mulheres elegem a coragem vital e os homens a coragem física mas, juntamente, com a coragem vital. Estas diferenças poder-se-ão dever a questões de género, já apontadas por Becker e Eagly (2004; *in* Pury e Woodard, 2009). No grupo dos idosos, a maioria dos sujeitos salientaram a coragem vital. Assim, e observando-se os três grupos etários, pode-se inferir que, à medida que a idade vai avançando, a representação da coragem, nas pessoas mais velhas, incide na tomada de riscos psicológicos. Estes resultados são idênticos aos encontrados no estudo de Szagun e Schäuble (1997).

Em relação à combinação entre o objetivo e o contexto das ações corajosas, a coragem social é aquela que aparece mais frequentemente referenciada pelos inquiridos de todos os grupos etários. O que explica que, a grande maioria tenha-se posicionado quanto ao tipo de coragem que pode estar implícito no ato de ajudar o outro. Aqui, a predominância incidiu na coragem civil, em detrimento, da coragem decorrente da profissão. Estes resultados poderão indiciar, primeiramente, que as ações corajosas baseiam-se na ajuda ao próximo e, para além disso, como Pury e Woodard (2009) afirmam, a pessoa sente uma maior responsabilidade para agir, sem que, para isso, necessite de possuir as competências apropriadas, esperando uma maior apreensão, raiva e menos efeitos sociais positivos.

Quanto à classificação de coragem proposta por Peterson e Seligman (2004), constata-se a existência de algumas diferenças inter e intra-grupos etários embora o *valor* seja a força de carácter mais frequente, podendo ser ou não acompanhado por outras. A predominância desta força de carácter pode ser explicada pela nomeação do desafio, enquanto *modus operandi* da coragem, observada na questão anterior.

Nos jovens, e em consonância com o estudo de Pury e Kowalski (2007), verifica-se que *valor*, *autenticidade* e *perseverança* foram considerados como as forças que melhor descrevem as ações corajosas, particularmente nas raparigas. O *valor* e a *perseverança* são também, frequentemente, referidos pelos idosos. Contudo, a *perseverança* corresponde à concretização de objetivos para os jovens, e à execução de tarefas quotidianas nos idosos. Estas diferenças estão associadas ao estágio de desenvolvimento característico de cada grupo etário.

A criação da categoria “Outros” deveu-se à necessidade de, perante a impossibilidade de codificação consoante os critérios existentes na literatura, agrupar as

restantes ações que foram enunciadas. Esta necessidade poderá indicar que, apesar dos investigadores terem determinado várias tipologias de coragem, a definição de outros critérios de classificação está iminente.

3.3. Como é que a coragem é representada nas diferentes vivências? Que significados os indivíduos lhe atribuem?

Tal como aconteceu na primeira questão de investigação, a leitura das respostas obtidas conduziu à construção de várias categorias com o intuito de apreendê-la em todas as suas vertentes.

Começando por abordar a forma sob a qual a coragem surge representada para os indivíduos, constata-se que, na sua maioria, independentemente da idade e do género, esta é compreendida como um processo que define, ou deve idealmente definir a pessoa do sujeito, isto é, tal como Barros (2010a) afirma, há uma tendência para a pessoa ser mais ou menos corajosa (coragem-traço) do que comportar-se como tal somente em situações pontuais (coragem-estado). No mesmo sentido, encontram-se as respostas relativas ao modo como a coragem é vivida/sentida, ou seja, grande parte dos sujeitos, sejam eles jovens, adultos e idosos, representam a coragem como um processo caracterizado por uma continuidade ininterrupta – o "motor" do decurso de vida – e não como um "recurso" de que eles dispõem em determinados momentos isolados. Ser-se corajoso é, então, um processo que ocorre durante toda a vida, podendo evidenciar-se perante um perigo ou no ato de lutar por algo (Finfgeld, 1995). Estes resultados podem justificar a predominância de um olhar realista sobre a coragem, por parte da maioria dos inquiridos.

No que concerne à significância atribuída à coragem, observa-se que os sujeitos a mencionam como uma resposta às suas necessidades, particularmente às necessidades de crescimento que se traduzem na luta pela concretização de objetivos, de sonhos, pela obtenção de êxito e sucesso. Todavia, a coragem é, também, considerada como uma resposta às necessidades de existência estando, para os idosos, relacionada com a capacidade necessária para reagir perante a finitude da vida, algo que é característico deste último estágio de desenvolvimento. Esta dimensão parece estar estritamente ligada com uma outra: o sentido da ação. Nesta última, não há consenso entre os grupos etários nem dentro de cada grupo, com exceção para os idosos que evidenciaram a coragem como aquilo que lhes permite resistir às adversidades que surgem, especialmente,

durante o processo de envelhecimento e, novamente, com o confronto com a finitude da vida. Quanto aos restantes grupos etários, nos homens, a coragem adquire maior importância no confronto com situações inesperadas, ao passo que as mulheres consideram-na fundamental quer para resistir, quer para persistir (construir e concretizar planos). Porém, estas diferenças de género não se mostram significativas.

A importância da coragem estende-se, ainda, à aquisição de um senso de mestria, de competência (Haase, 1987), logo, a um aumento da auto-eficácia (Pury, 2008), embora os sujeitos tenham referido, pontualmente, o contributo positivo para a autoestima e para o auto-conceito.

Para Rachman (1984; *in* Snyder e Lopez, 2007), as ações corajosas nem sempre decorrem no contexto de sociedade, o que vem corroborar com os resultados obtidos nesta categoria, em que os participantes referem, maioritariamente, o ambiente imediato.

Por último, e não menos importante, a coragem encontra-se representada, para a quase totalidade dos indivíduos, como *um valor próprio da existência* e, talvez por isso, estes tenham salientado a importância da coragem para todos.

Salienta-se que não se observa grandes diferenças entre os três grupos etários nem entre homens e mulheres.

3.4. Existem padrões na forma como a coragem é representada, sendo estes definidos pela idade ou género?

De uma forma geral, e pela análise dos resultados obtidos, pode-se constatar que as relações significativas foram encontradas nas variáveis *género-tipo* e *grupo etário-tipo* da pessoa corajosa, mais especificamente, entre cada uma delas e o género e o grupo etário dos inquiridos, respetivamente.

Em relação ao *género-tipo* da pessoa corajosa, verificando-se a sua relação de «dependência» com o género do inquirido, conclui-se que a relação significativa mais importante surgiu entre os sujeitos femininos e a sua escolha preferencial pelos seus homólogos como pessoa mais corajosa. Isto é, as mulheres demonstraram uma representação mais positiva sobre o seu género neste âmbito. Por outro lado, os homens tendem, significativamente, a não especificarem a sua preferência em relação ao *género-tipo* do indivíduo corajoso. Em suma, pode-se afirmar que a escolha do *género-tipo* da pessoa corajosa depende do género do inquirido. A título de exemplo, algumas

das justificações dadas pelas mulheres quanto à escolha do seu género como o mais corajoso incide no facto desta, em simultâneo, conseguir criar os filhos e trabalhar fora de casa, e ter uma maior capacidade de entrega. O homem fundamentou a sua opção pela categoria “ambos”, por exemplo, na auto-confiança e determinação de cada pessoa bem como nas circunstâncias.

No que concerne ao *grupo etário-tipo* do sujeito corajoso, observando-se aqui a segunda relação de «dependência», importa salientar que a relação mais notória ocorreu entre o grupo dos idosos e a sua opção pelos seus semelhantes (sendo explicada por eles com base, por exemplo, na sua maior experiência de vida e no seu confronto com estigmas relacionados com a sua própria idade). Inversamente, a escolha menos preferencial, pelo menos a que mais se realça, é entre os jovens e o grupo dos idosos. Não obstante estes resultados, os jovens foram menos tendenciosos na sua preferência, alegando que o ser mais corajoso irá depender das situações e das experiências anteriormente já ultrapassadas.

Partindo-se, sobretudo, das relações significativas nas escolhas das mulheres e dos idosos, quanto ao *género-tipo* e *grupo etário-tipo* da pessoa corajosa, respetivamente, pode-se assumir o esbatimento do fenómeno da coragem com uma ideia do pensamento sobre o comportamento social – o estereótipo de grupo. Posto isto, duas questões levantam-se: serão as representações sociais uma dimensão potencial para a conceptualização do fenómeno da coragem? Haverá uma apropriação das ideias do comportamento dos grupos para este processo? Talvez, estudos posteriores possam esclarecer estas questões.

Conclusão

A realização deste estudo permitiu uma reflexão generalizada acerca da coragem, nomeadamente, a sua conceptualização e a sua importância no decurso da vida de cada um de nós.

A coragem é uma virtude humana que, só há algum tempo atrás, começou a ganhar relevo, junto da comunidade científica, por se mostrar como uma parte importante da nossa forma de viver o dia a dia e de lidar com os desafios e tensões que, inevitavelmente, constituem a vida terrena do ser humano, mais ainda quando também a sociedade se encontra em crise. Como tal, há uma carência de estudos sobre esta qualidade extraordinária, particularmente, no que se refere a uma definição operacional que reúna consenso entre os diversos autores. Em Portugal, a nosso conhecimento, somente uma pesquisa foi realizada neste âmbito (Barros, 2010b).

O presente estudo teve, então, como objetivo central explorar as percepções, representações e significações que os indivíduos conferem à coragem, procurando indagar a existência de diferenças em função da idade e do género. Contudo, dado o seu carácter exploratório, não foi pretensão da investigadora extrapolar os resultados para a população em geral, mas dar um pequeno contributo para a construção de um *corpus* de operacionalização da coragem enquanto construto empírico.

De uma forma geral, e através da análise de conteúdo, os resultados apontam no sentido de, a maioria dos inquiridos, ter um olhar positivo sobre a coragem, percecionando-a como uma qualidade/virtude, o que impulsiona a pessoa para a ação, apesar do medo, tendo em vista resultados desejáveis. Esta expressa-se numa forma mais instrumentalizada, permitindo aos sujeitos mais jovens persistir na concretização dos seus objetivos e, aos mais velhos, resistir perante as adversidades. Apesar de estar presente em todas as pessoas, a coragem é definida com base na experiência individual. Quanto à sua significância, esta virtude humana é considerada, maioritariamente, como uma resposta às necessidades de crescimento dos inquiridos, permitindo um maior senso de competência e mestria nestes. Para além disso, a coragem é tida como um valor da própria existência humana, sendo o “motor” do decurso da vida.

No que diz respeito às tipologias de coragem, constata-se que, à medida que a idade vai avançando, a coragem é caracterizada pela tomada de riscos de natureza psicológica (Szagun e Schäuble, 1997), sendo a força de carácter mais predominante o *valor*, e a menos frequente o *entusiasmo/gosto de viver*. É de salientar, no entanto, a

utilização de categorias dedutivas, tendo por base a contextualização teórica, o que demonstrou ser um critério limitador na classificação de todas as ações corajosas referidas visto que algumas delas não puderam ser consideradas (tornando-se necessário a construção da categoria “outros”). Além disso, verificou-se que na categoria “objetivo + contexto”, à exceção de muito poucas respostas, somente um tipo de coragem foi identificado.

Após a análise dos resultados quantitativos, referentes às perguntas que indagavam sobre a existência de muitas ou poucas pessoas corajosas e de quem é o mais corajoso: o homem ou a mulher; o jovem, o adulto ou o idoso, verificou-se que, em alguns casos, há uma certa tendência entre os grupos para a identificação do seu homólogo como a pessoa mais corajosa.

As limitações presentes nesta investigação prendem-se com o facto de: esta ter utilizado uma amostra pequena e de conveniência, e de existir pouca literatura neste domínio, o que dificulta a fundamentação teórica e, simultaneamente, conduziu à construção de um instrumento e ao tratamento dos dados obtidos com base na experiência subjetiva da investigadora.

No futuro, seria pertinente dar continuidade à realização de estudos sobre esta temática, utilizando uma amostra mais representativa da população e privilegiando o uso de entrevista, enquanto instrumento metodológico, de forma a obter informações mais detalhadas. Juntamente com a entrevista, poder-se-ia acrescentar a recolha da história de vida com o intuito de perceber a influência das experiências anteriores na percepção, representação e significação da coragem. Ainda, e tendo em conta os resultados da abordagem quantitativa, seria relevante estudar, de forma mais aprofundada, a influência das variáveis idade e género na coragem, em todas as suas vertentes. Um estudo desenvolvimental esclarecia também a evolução de alguns itens sobre a coragem.

Sendo a coragem entendida como um valor da própria existência humana, que ajuda o indivíduo a lidar com os desafios intra e interpessoais que vão surgindo no decorrer da vida, e “...que anda tão arredio dos educadores, políticos, magistrados e outros responsáveis...” (Barros, 2010b, p. 18), este estudo pode fornecer algumas pistas para a construção de uma intervenção pedagógica de coragem, tão fundamental quer a nível pessoal, quer a nível comunitário.

Referências bibliográficas

- Aspinwall, L.G. e Staudinger, U.M. (2003). A psychology of human strenghts. Some central issues of an emerging field. In L. Aspinwall e U. Staudinger (Eds.), *A psychology of human strengths: Fundamental questions and future directions for a positive psychology*. (pp. 9-22). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bandura, A. (1992). Exercise of personal agency through the self-efficacy mechanism. In R. Schwarzer (Ed.), *Self-efficacy: Thought control of action*. (pp. 3 – 38). Washington, DC: Hemisphere.
- Bandura, A. (1995). On rectifying conceptual ecumenism. In J. E. Maddux (Ed.), *Self-efficacy, adaptation, and adjustment: Theory, research and application*. (pp. 347 – 375). New York: Plenum.
- Bandura, A. (1996). Ontological and epistemological terrains revisited. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 27, 323 – 345.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Barros, J. (2010a). *Psicologia positiva – Uma nova psicologia*. Porto: LivPsic.
- Barros, J. (2010b). Coragem: Um novo tópico da psicologia positiva. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 44, pp. 5 – 20.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Finfgeld, D. L. (1995). Becoming and being courageous in the chronically ill elderly. *Issues in Mental Health Nursing*, 16, 1 – 11.
- Finfgeld, D. L. (1998). Courage in middle-aged adults with long-term health concerns. *Canadian Journal of Nursing Research*, 30, 153–169.
- Greitemeyer, T., Fischer, P., Kastenmüller, A. e Frey, D. (2006). Civil courage and helping behaviour: Differences and similarities. *European Psychologist*, 11, 90 – 98.
- Guerra, M. P. (2010). *Humanismo revisitado e psicologia positiva: Contributos para a psicologia da saúde*. Prova de agregação não publicada. FPCE – UP.
- Haase, J. E. (1987). Components of courage in chronically ill adolescents: A phenomenological study. *Advances in Nursing Science*, 9, 64–80.

- Jodelet, D. (1989). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lerner, J., Gonzalez, R., Small, D. e Fischhoff, B. (2003). Effects of fear and anger on perceived risks of terrorism: A national field experiment. *Psychological Science*, 14, 144 – 150.
- Linley, P. A. (2009). Positive psychology (history). In S. J. Lopez (Ed.), *The encyclopedia of positive psychology*. (pp. 742 – 746). Oxford: Blackwell Publishing Ltd.
- Linley, P. A., Joseph, S., Harrington, S. e Wood, A. M. (2006). Positive psychology: Past, present, and (possible) future. *The Journal of Positive Psychology*, 1, 3-16.
- Lopez, S. J., O’Byrne, K. K. e Petersen, S. (2003). Profiling courage. In S. J. Lopez e C. R. Snyder (Eds.), *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures*. (pp. 185 - 197). Washington, DC: American Psychological Association.
- Paludo, S. S. e Koller, S. H. (2007). Psicologia positiva: Uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17, 9-20.
- Peterson, C. e Seligman, M. (2004). *Character strengths and virtues: A handbook and classification*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Peterson, C., Park, N. e Seligman, M. (2006). Greater strengths of character and recovery from illness. *The Journal of Positive Psychology*, 1, 17-26.
- Pury, C. L. S. (2008). Can Courage Be Learned?. In S. J. Lopez (Ed.), *Positive psychology: Exploring the best in people*. Vol 1: *Discovering human strengths*. (pp. 109 – 130). Westport, CT: Praeger Publishers.
- Pury, C. L. S. e Kowalski, R. M. (2007). Human strengths, courageous actions, and general and personal courage. *The Journal of Positive Psychology*, 2, 120 –128.
- Pury, C. L. S., Kowalski, R. M. e Spearman, J. (2007). Distinctions between general and personal courage. *Journal of Positive Psychology*, 2, 99 –114.
- Pury, C. L. S. e Woodard, C. R. (2009). Courage. In S. J. Lopez (Ed.), *The encyclopedia of positive psychology*. (pp. 247 – 254). Oxford: Blackwell Publishing Ltd.
- Putman, D. (1997). Psychological courage. *Phylosophy, Psychiatry and Psychology*, 4, 1 -11.
- Rachman, S. (1984). Fear and courage. *Behavior Therapy*, 15, 109 – 120.
- Rate, C. R., Clarke, J. A., Lindsay, D. R. e Sternberg, R. J. (2007). Implicit theories of courage. *Journal of Positive Psychology*, 2, 80 – 98.

- Reynolds, F. e Lim, K. (2007). Turning to art as a positive way of living with cancer: A qualitative study of personal motives and contextual influences. *The Journal of Positive Psychology*, 2, 66-75.
- Roseiro, A. H. (2009). *Factores psicossociais de motivação nos cientistas: Um estudo de caso no Instituto Gulbenkian de Ciência*. Tese de mestrado não publicada. ISEG – UTL.
- Seligman, M. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In C. R. Snyder e S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology*. (pp. 3 - 9). New York: Oxford University Press.
- Seligman, M. e Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.
- Shelp, E. (1984). Courage: A neglected virtue in the patient-physician relationship. *Social Science and Medicine*, 18, 351 – 360.
- Snyder, C. R. e Lopez, S. J. (2002). The future of positive psychology: A declaration of independence. In C. R. Snyder e S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology*. (pp. 751 - 767). New York: Oxford University Press.
- Snyder, C. R. e Lopez, S. J. (2007). *Positive psychology: The scientific and practical exploration of human strengths*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Szgun, G. (1992). Age-related changes in children's understanding of courage. *Journal of Genetic Psychology*, 153, 405 – 420.
- Szgun, G. e Schäuble, M. (1997). Children's and adults' understanding of the feeling experience of courage. *Cognition and Emotion*, 11, 291 – 306.
- Triadó, C., Villar, F., Solé, C, Osuna, M. J. e Celdrán, M. (2006). Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: una aproximación cualitativa. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, 41, 100 – 110.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva e M. Pinto (Eds), *Metodologia das ciências sociais*. (pp. 101 – 128). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Woodard, C. R. (2004). Hardiness and the concept of courage. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 56, 173 – 185.
- Woodard, C. R. e Pury, C. L. S. (2007). The construct of courage: Categorization and measurement. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 59, 135–147.

Anexos

Anexo 1 – Questionário sobre a coragem (versão jovens)

Questionário sobre a coragem

Este questionário pretende recolher a sua opinião acerca de vários aspetos relacionados com o conceito de coragem. Sendo importante a diversidade de opiniões, **não existem respostas certas ou erradas**: o que é fundamental é que responda com sinceridade a todas as questões. Todas as respostas às perguntas do questionário são **anónimas e confidenciais** e serão usadas apenas para efeitos de investigação.

Obrigado pela sua colaboração!

Sexo: Masculino ☐

Feminino ☐

Idade: _____

Responda, de forma sucinta, às seguintes perguntas:

1. Para mim a coragem é:

2. As ações que considero mais corajosas são:

3. Considero a coragem importante porque:

4. Considera que há muitas ou poucas pessoas corajosas? Justifique a sua resposta.

5. Quem é mais corajoso: o homem ou a mulher? Justifique a sua resposta.

6. Quem é mais corajoso: o jovem, o adulto ou o idoso? Justifique a sua resposta.

Anexo 2 – Questionário sobre a coragem (versão adultos e idosos)

Dados Demográficos

Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: _____

Estado Civil: Solteiro/a.....☐

Casado/a.....☐

União de facto...☐

Divorciado/a.....☐

Viúvo/a.....☐

Habilitações Literárias: Analfabeto/a.....☐

Ensino básico (1º ciclo – 4º ano).....☐

Ensino básico (2º ciclo – 6º ano).....☐

Ensino básico (3º ciclo – 9º ano).....☐

Ensino Secundário (ou Profissional)..☐

Bacharelato ou Licenciatura.....☐

Mestrado ou Doutoramento.....☐

Vire a página S.F.F

Questionário sobre a coragem

Este questionário pretende recolher a sua opinião acerca de vários aspetos relacionados com o conceito de coragem. Sendo importante a diversidade de opiniões, **não existem respostas certas ou erradas**: o que é fundamental é que responda com sinceridade a todas as questões. Todas as respostas às perguntas do questionário são **anónimas e confidenciais** e serão usadas apenas para efeitos de investigação.

Obrigado pela sua colaboração!

Responda, de forma sucinta, às seguintes perguntas:

1. Para mim a coragem é:

2. As ações que considero mais corajosas são:

3. Considero a coragem importante porque:

4. Considera que há muitas ou poucas pessoas corajosas? Justifique a sua resposta.

5. Quem é mais corajoso: o homem ou a mulher? Justifique a sua resposta.

6. Quem é mais corajoso: o jovem, o adulto ou o idoso? Justifique a sua resposta.

Tabela 1.

Grelha de codificação utilizada para a pergunta: “Para mim a coragem é...”

Categoria	Especificação	Sub-categoria	Indicador	Unidade de registo
Perspetiva	Esta categoria averigua o modo como as pessoas percecionam a coragem, ou seja, se esta é vista como algo positivo ou, pelo contrário, como algo negativo.	Positiva	Expressões positivas	<i>“Agir com determinação e sinceridade, ultrapassando sem desistir, de situações..muito complexas.” (S72)</i>
			Verbos de ação	
			Avaliação positiva dos resultados e consequências	
		Negativa	Avaliação negativa dos resultados “Inconsequência”	<i>“Ato cometido por alguém, no qual este se arrisca a uma consequência grave.”(S2)</i>
Expressão	Esta dimensão corresponde à forma como a coragem se manifesta na pessoa, isto é, sob a forma de emoção, numa cognição ou num comportamento.	Emocional	Objeto das emoções Medo	<i>“Ser positivo” (S44)</i>
		Cognitiva	Objeto das competências	<i>“Ter a capacidade de acreditar em algo” (S26)</i>
			Recursos cognitivos	
		Comportamental	Objetos das ações “Confronto”	<i>“Enfrentar e resolver os problemas que surgem” (S117)</i>
Objeto	Esta categoria diz respeito à pessoa para quem a coragem é direcionada, ou seja, se esta é usada para benefício próprio (egocentrismo) ou em benefício do outro (altruísmo).	Altruísmo	Apoio social	<i>“Pensar não em nós mas também nos outros” (S144)</i>
			Comunitarismo	
			Heroísmo social	
Propósito	Esta categoria aborda a utilidade da coragem na vida do indivíduo, isto é, se esta é percecionada como uma ferramenta que permite ao sujeito agir/persistir perante algo (ação/mudança), ou apenas	Egocentrismo	Prossecução de objetivos pessoais	<i>“Lutar pelo que acreditamos mesmo tendo tudo contra nós”</i>
			Proposições positivas e na conjugação ativa	
			Prossecução de	
Propósito	Esta categoria aborda a utilidade da coragem na vida do indivíduo, isto é, se esta é percecionada como uma ferramenta que permite ao sujeito agir/persistir perante algo (ação/mudança), ou apenas	Ação/Mudança	Proposições positivas e na conjugação ativa	<i>“Arriscar coisas novas na vida” (S89)</i>
			Prossecução de	

	reagir/resistir face a algo inesperado e/ou indesejável (reação/defesa).		objetivos (pessoais e interpessoais)	
		Reação/Defesa	Proposições negativas e na conjugação passiva Reação aos obstáculos	<i>“Enfrentar as situações, principalmente os obstáculos” (S44)</i>
Reforço	Esta dimensão compreende as consequências positivas que o agir corajosamente pode comportar para a pessoa: a afirmação pessoal ou o reconhecimento/aceitação pela sociedade.	Afirmação pessoal	Procura de reconhecimento intrapessoal Avaliação pessoal dos ganhos e dos sucessos	<i>“Ser capaz de fazer o que os outros não conseguem” (S23)</i>
		Reconhecimento/Aceitação social	Procura do reconhecimento dos pares e da sociedade	<i>“Leva as pessoas a terem comportamentos reconhecidos pela sociedade” (S10)</i>
Modus operandi	Esta dimensão refere-se ao modo como a coragem é posta em prática. Neste sentido, a coragem surgirá sob a forma de: um confronto, uma aventura (desafio); um sinal de maturidade, de responsabilidade social (disponibilidade); ou na procura de uma revitalização, entendido na necessidade de redefinição do plano vital (dinamismo).	Desafio	Ideia de confronto Arriscar	<i>“Confrontar o medo, a dor, o perigo ou a intimidação” (S16)</i>
		Disponibilidade	Expressão de responsabilidade social Ser/estar para o outro	<i>“Saber defender e ajudar os amigos e os que mais necessitam” (S11)</i>
		Dinamismo	Expressão de necessidade de revitalizar	<i>“Andar, caminhar, fazer as coisas” (S137)</i>
Desenvolvimento	Esta categoria averigua se a coragem é percebida como algo que nasce com o Homem (inato) ou, pelo contrário, é algo que vai sendo adquirido com o tempo (adquirido) mas que, por isso, nem todas as pessoas a experienciam durante a sua vida.	Inato	Nasce com o indivíduo	<i>“Ato natural que não se treina” (S78)</i>
		Adquirido	Resulta da experiência de cada um	<i>“Algo que ganhamos ao longo do tempo consoante as nossas atitudes”(S15)</i>

Dimensão	Esta categoria faz referência à dimensão da coragem, ou seja, se esta está presente em todas as pessoas (universalismo) ou é característica de um pequeno número de indivíduos (elitismo).	Elitismo	Expressão de elite Heroísmo	<i>“Um ato de valentia” (S150)</i>
		Universalismo	Expressão universal Existência	<i>“Capacidade que um ser humano tem...”</i>
Enfoque do discurso	Esta dimensão aborda o foco da coragem, isto é, a coragem está centrada na pessoa (idiossincrático) ou na relação com o outro (relacional).	Idiossincrático	Experiência intra-individual	<i>“Enfrentar os problemas de vida e resolvê-los em consonância com a sua maneira de ser” (S113)</i>
		Relacional	Experiência inter-individual	<i>“Dizer as verdades na cara das pessoas” (S80)</i>

Tabela 2.

Grelha de codificação utilizada para a pergunta: “As ações que considero mais corajosas são...”

Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo
Natureza do risco	Coragem física	<i>“Dar a vida por outra pessoa” (S30)</i>
	Coragem moral	<i>“Lutar contra a discriminação” (S38)</i>
	Coragem vital	<i>“Tratar de pessoas quando estas estão nos hospitais” (S136)</i>
Objetivo e contexto	Coragem no trabalho	<i>“Arriscar num negócio” (S14)</i>
	Coragem baseada em crenças	
	Coragem social	<i>“Ajudar os mais necessitados” (S115)</i>
	Coragem familiar	<i>“Cuidar e ajudar a mulher” (S120)</i>
Contexto	Coragem civil	<i>“Doar um órgão a quem precisa” (S62)</i>
	Coragem decorrente da profissão	<i>“Servir e proteger os cidadãos (polícia)” (S11)</i>
Forças de carácter	<i>Valor</i>	<i>“Arriscar a vida para sobreviver” (S119)</i>
	<i>Autenticidade</i>	<i>“Ser sincera” (S72)</i>
	<i>Entusiasmo/gosto de viver</i>	<i>“Sair fora da cama e não se deixar acomodar” (S121)</i>
	<i>Perseverança</i>	<i>“Tomar banho e cuidar da nossa higiene nesta idade”</i>

	(S123)
Outros	“Ser mãe/pai” (S56, S47, S62, S74, S77, S83)

Tabela 3.

Grelha de codificação utilizada para a pergunta: “Considero a coragem importante porque...”

Categoria	Especificação	Sub-categoria	Indicador	Unidade de registo
Resposta à necessidade	Esta categoria refere-se à natureza das necessidades que são satisfeitas pelo agir de forma corajosa. De acordo com Alderfer (1972; <i>in</i> Roseiro, 2009), a hierarquia das necessidades engloba três categorias: as necessidades de existência (necessidades fisiológicas e de segurança), de relacionamento (necessidades sociais) e de crescimento (necessidades de autoestima e auto-realização).	Existência	Sobrevivência	“Faz despertar em nós o nosso instinto de sobrevivência” (S81)
			Identidade	
			Reagir a	
		Relacionamento	Suporte social	“Proteger a qualquer custo um ente querido” (S11)
Génese	Esta categoria averigua a forma como os indivíduos representam a coragem, isto é, se eles consideram-na como um traço de personalidade (coragem-traço) ou como algo que surge em alguns momentos (coragem-estado).	Crescimento	Procura do sucesso	“Dá alento para conseguir, muitas vezes, os objetivos” (S41)
			Realização pessoal	
			Prossecução dos objetivos e realização dos sonhos	
Contexto	Esta dimensão teve por base a teoria ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979), na qual o desenvolvimento ocorre na interação entre os indivíduos e os seus diversos contextos de vida e sistemas sociais. Como tal, procurou-se perceber a que contexto (micro, meso, exo ou macrosistema) está associada a coragem.	Coragem-traço	Característica da personalidade	“Caracteriza a personalidade fraca ou forte da pessoa em si” (S15)
		Coragem-estado	Comportamentos ocasionais	“Pode ajudar a salvar pessoas” (S5)
		Microsistema	Procura do bem-estar e/ou satisfação pessoal	“Enfrentar todas as etapas boas ou más da nossa vida” (S34)
		Mesosistema	Reforço dos laços Suporte dos pares	“Partilhar com os outros” (S149)
		Exossistema	Heroísmo social Tomada de ação social	“Para nos ajudarmos uns aos outros” (S92)
		Macrossistema	Valor universal	“É a coragem que distingue os fracos dos

				<i>fortes, o cobarde do herói” (S61)</i>
Vivência	Esta categoria comporta a forma como a coragem é vivenciada, isto é, se esta adquire uma importância para o decorrer da vida (diacrónica) ou se, por outro lado, assume significância em situações pontuais (sincrónica).	Sincrónica	Respostas esporádicas	<i>“Existem momentos em que precisamos de coragem para levar os nossos intentos em frente” (S107)</i>
		Diacrónica	Importância vital Valor absoluto para o decurso da vida	<i>“Ajuda-me a viver” (S109)</i>
Sentido de ação	Esta categoria corresponde à finalidade da coragem. Ou seja, a coragem torna-se importante para ajudar a pessoa a confrontar-se com situações inesperadas (estagnação/resistência) ou impulsiona-a a perseguir o seu futuro e alcançar os seus objetivos, os seus planos, os seus sonhos (mudança/persistência).	Mudança/Persistência	Ação Procura Aventura	<i>“Porque sem ela não havia, por exemplo, as revoluções” (S106)</i>
		Estagnação/Resistência	Defesa Reação	<i>“ultrapassar os obstáculos com que nos deparamos diariamente” (S62)</i>
Abstração	Esta dimensão aborda o nível de abstração das representações da coragem no sentido de que esta é objetivamente observável na vida dos participantes (realismo) ou, em contrapartida, consiste numa idealização de algo (idealismo).	Idealismo	Idílico Irreal ou incomum Heroísmo	<i>“Sem a coragem, o ser humano torna-se numa simples pessoa” (S16)</i>
		Realismo	Mecanismo vital	<i>“Estamos preparados para todos os imprevistos” (S110)</i>
Focus	Esta dimensão averigua se a coragem é importante para o <i>self</i> (individual) ou, pelo contrário, para todas as pessoas na generalidade (global).	Individual	Pessoal 1ª pessoa do singular	<i>“Porque se tiver medo, não serei capaz de enfrentar todas as ocasiões” (S69)</i>
		Global	Enfoque genérico 1ª pessoa do plural	<i>“Nos permite enfrentar a vida com determinação e otimismo” (S65)</i>
Feedback	Esta categoria compreende a natureza do significado que a coragem tem para os sujeitos. Isto é, a coragem adquire importância porque acarreta	Autoestima	Emoções Sentimentos	<i>“Porque nos traz uma autoestima mais elevada”</i>

consequências positivas para a auto-eficácia, para o auto-conceito ou para a autoestima do indivíduo.		(S54)		
		Auto-conceito	Conhecimento de si	“Porque demonstra a personalidade forte de uma pessoa” (S115)
		Auto-eficácia	Comportamentos	“Para nos sentirmos capazes de” (S3)
Importância para as capacidades e competências de ação				
Valor	Esta dimensão inclui a representação da coragem como um <i>valor próprio da existência humana</i> (estrutural) ou, pelo contrário, um valor que só pertence a algumas pessoas, distinguindo-as das restantes (disruptivo).	Estrutural	Normativo	“Sem ela, muita gente não era nada” (S19)
			Amplitude	
		Disruptivo	Distinção	“Na vida tem de haver sempre heróis” (S23)
			Heroísmo	